

Quevedo e o Espiritismo: o fim de uma farsa

Nazareno Tourinho

[Introdução](#)

[Nossa Homenagem ao padre Quevedo](#)

[Quevedo Como Ator Televisivo](#)

[A Pouca Leitura de Quevedo](#)

[Quevedo e Crookes](#)

[As Armas do Padre Quevedo](#)

[A Escola do Padre Quevedo](#)

[A Pergunta do Padre Quevedo](#)

[A Real Identidade do Padre Quevedo](#)

[Quem é o Fanático: Kardec ou Quevedo?](#)

[Quem está Certo: Rhine ou Quevedo?](#)

[A Estratégia do Padre Quevedo](#)

[A Casuística do Padre Quevedo](#)

[Os Livros do Padre Quevedo](#)

[A Guerra Sagrada do Padre Quevedo](#)

[Padre Quevedo e as Crianças](#)

[O Quevedo Contraditório](#)

[A Sopa Quente do Padre Quevedo](#)

[Sopro sobre a Sopa de Quevedo](#)

[Os Alhos e Bugalhos da Sopa de Quevedo](#)

[O Que vê o Quevedo](#)

[Nós e Quevedo, Sinceramente](#)

[Pagar ou Pegar o Pato no Lago do Padre Quevedo](#)

[O Último Tiro do Tratado de Quevedo](#)

[As Luvas do Lutador Quevedo](#)

[Um Pecado de Quevedo](#)

[Nossa Prece Fúnebre pelo Padre Quevedo](#)

[A Cruz de Quevedo e Nossa Espada](#)

[As Fichas de Quevedo no Jogo Antiespírita](#)

[A Grande Jogada de Quevedo](#)

[A Dança do Padre Quevedo](#)

[A Parapsicologia do Padre Quevedo](#)

[A Filosofia do Padre Quevedo](#)

[A Fogueira do Padre Quevedo e a Fumaça de seus Amigos](#)

[O Circo e a Canoa do Padre Quevedo](#)

[Quevedo e a sua Igreja](#)

[Requiescat in Peace, Quevedo!](#)

Introdução

Este volume é uma resposta espírita ao padre Oscar Gonzalez Quevedo. Oportuna e indispensável. Nasceu como uma flor de esclarecimento científico e filosófico no canteiro de ervas daninhas voltadas para a nossa crença, que o mencionado sacerdote plantou e cultivou há quarenta anos com o adubo de clamorosas inverdades, manejando a enxada da agressão.

A ideia de escrever estas linhas, necessariamente enérgicas, surgiu quando em janeiro de 2.000 o célebre jesuíta foi contratado pela emissora de televisão de maior audiência no país para aparecer em um programa domingueiro, de quinze em quinze dias, a fim de desmascarar mistificadores de fenômenos paranormais em nome da Parapsicologia. Exorbitando da missão que lhe cumpria desempenhar de forma competente e honesta, aliás bastante útil para alertar o povo, ele logo de início aproveitou-se da incumbência para atacar médiuns autênticos e conceitos doutrinários kardequianos, pelo que poucos meses depois teve o contrato rescindido ou suspenso, já se encontrando a essa altura sob o fogo cerrado dos textos adiante transcritos, dados a lume graças sobretudo à lucidez do editor-jornalista J. Pascale e à coragem do dirigente da FEESP Caio Atanácios Petro Salama, dois valorosos companheiros de ideal a quem é justo expressarmos, aqui, um sincero agradecimento pela maneira como prestigiaram a nossa produção intelectual na defesa do Espiritismo nos derradeiros lustros, em que para ela se fecharam muitas portas institucionais importantes, pintadas de falso zelo evangélico por não compreenderem a sabedoria destas palavras de Allan Kardec:

"Entretanto há polêmica e polêmica. Há uma ante a qual jamais recuaremos — é a discussão séria dos princípios que professamos."

(REVISTA ESPÍRITA, novembro de 1858)

Os textos adiante alinhados como Capítulos foram feitos originalmente como artigos, mas nem por este fato deixam de compor um unidade orgânica no seu conjunto, percorrendo caminho crítico adequado ao desmonte da construção teórica do padre Quevedo em geral. Poderíamos tê-los reescrito para reordenar os argumentos como se fossem inéditos e assim formar o presente livro, porém achamos que isto, afora ser supérfluo, retiraria desta brochura uma vantagem: a de poder ser usada por jornais e revistas do nosso movimento ideológico que desejem refutar as mentiras quevedianas através de escritos seriados. Bastará que, em sua periodicidade, divulguem os diversos textos na mesma sequência, utilizando os capítulos como se fossem artigos, ou crônicas, pois cada um deles também possui unidade orgânica própria, independente dos demais.

E assim, salvo melhor juízo, fica a literatura espírita contemporânea com mais algum material disponível para anular, a qualquer hora, determinadas investidas da Igreja Romana tradicional contra o Espiritismo. Ela, desde o século passado, mantém de plantão um dos seus representantes mais cultos para bombardear o nosso caminho, e o padre Quevedo, sucessor de Frei Boaventura, O.F.M., revelou-se o pior deles porque, com máxima esperteza, trocou o discurso teológico pelo científico.

Como até esta data Quevedo só teve um único dos seus livros devidamente rechaçado, restou para nós a desconfortante responsabilidade de submeter a uma análise lógica toda a sua obra impressa. Procuramos executar a tarefa de modo inteligente, sem nos tornar prolixo e obscuro, com o que cansaríamos os leitores em vez de lhes iluminar, e para tanto demos atenção apenas aos deslizes mais gritantes dos vários tomos editados por Quevedo.

O que segue, pois, são matérias publicadas pelo JORNAL ESPÍRITA, da Federação Espírita do Estado de São Paulo, ininterruptamente, as quais sofreram ligeiros retoques; não para corrigir erros, e sim para contextualização. Matérias que terão atualidade no futuro — e por isso merecem ser documentadas em livro! - pois a Igreja Católica (a tradicional e não a moderna, ecumênica) nunca deixará de combater o Espiritismo através dos seus setores mais radicais, como é a Ordem dos Jesuítas, conhecida por Companhia de Jesus... Matérias que os confrades espíritas poderão republicar, naturalmente citando a fonte primeira da edição, conforme a lei e a ética, sempre que quiserem empregar bem o espaço de sobra em periódicos doutrinários, mormente quando se defrontarem no porvir com alguém repetindo as cantilenas

falaciosas, e caluniosas, do padre Quevedo, o qual decerto dará assistência aos discípulos de sensibilidade mediúnica depois de passar, como disse alguém, do estado sólido para o gasoso...

O Autor

[\(voltar\)](#)

Nossa Homenagem ao Padre Quevedo

Desde o seu providencial aparecimento, no século passado, o Espiritismo, devendo restabelecer na face da Terra a verdadeira mensagem de Jesus, sempre esteve na mira das metralhadoras dogmáticas dos setores mais intolerantes da Igreja Católica, recebendo balas de impiedosa condenação. A *guerra santa* contra ele, movida por aqueles que até hoje não lograram entender a essencialidade dos ensinamentos cristãos, e se intitulam de "Ministros de DEUS", jamais cessou. Em algumas fases históricas, pelo período de poucos anos, ocorreu uma parada no tiroteio, porém logo a seguir voltou à ação a artilharia que pretende liquidar com a nossa crença.

De vez em quando vivemos um instante penoso, sofrendo rudes golpes, e nos derradeiros tempos precisamos nos defender de canhões poderosos, instalados em uma emissora de TV que domina a mídia e faz a cabeça da população nacional. Por ela, no horário nobre, a batina andou tentando encobrir a luz irradiada pelos altos mensageiros do Além com o objetivo de despertar a consciência humana para a realidade da vida após a morte e, conseqüentemente, para a validade das esperanças, e das lições éticas, contidas nos Evangelhos compreendidos sob a ótica da Codificação Kardequiana.

Vimos a onda ameaçadora arrebentar suas forças nas pedras da inutilidade, mas não sabemos se ela retornará em outra maré. Caso isto venha a acontecer, o que é provável, mantenhamos a calma. O povo se ilude, todavia igualmente se desencanta, cedo ou tarde, com os *quevedos*, porque eles nada oferecem em troca do que tiram. Esse padre Quevedo, por exemplo, esmera-se no esforço de demonstrar a inexistência das comunicações dos Espíritos, entretanto não tem como provar a lenda do seu Inferno, do seu Purgatório e do Céu de beatitudes ociosas. Não tem como provar sequer a sobrevivência da alma, e muito menos o valor das graças que ele e os colegas nem sempre distribuem de *graça*, conforme recomendou o Cristo.

Sim, jamais nos angustiemos, se nova onda ameaçadora surgir, porque a História se repete, inelutavelmente. Nos primórdios do Espiritismo o clero romano despejou contra nossas fileiras ideológicas bombas de maior potência que explodiram; ruidosas, sem causar qualquer dano ao Espiritismo, simplesmente porque os fenômenos mediúnicos não possuem caráter milagroso, nada têm de fantasia, são fatos naturais produzidos em todas as épocas, em todas as latitudes do planeta, em todas as religiões, e fora delas. Fatos cientificamente verificáveis. Homens eminentes, de vasta cultura, glórias do saber universal no campo de Fisiologia e da Física, como Charles Richet e William Crookes, que a princípio neles não acreditavam, comprovaram sua indesmentível autenticidade em experiências de laboratório.

Allan Kardec, na dúzia de anos em que editou a *Revista Espírita*, reduziu a nada todos os argumentos sacerdotais contrários nossas convicções, os do padre Barricand e os do Abade Chesnel, os do padre Marouzeau e os do Bispo de Argel.

Carlos Imbassahy, enquanto esteve encarnado entre nós, até 1969, nunca perdeu um debate com príncipes da Igreja Católica e pastores protestantes, tanto quanto foi um campeão imbatível terçando armas com médicos materialistas que diziam, no pretérito, ser a prática mediúnica causa de loucura.

Recentemente esteve em moda, outra vez, o superado sacerdote Quevedo, nosso velho inimigo, apresentado na televisão com prévia propaganda em clips como se fosse ator profissional, para o que, aliás, revela grande talento.

Deixamos de refutar os seus argumentos televisivos por duas razões:

A primeira é que ele, pensando em nos prejudicar, estará sempre prestando uma excelente ajuda ao Espiritismo, quando trombeteia sobre embustes e mistificações, pois temos

o maior interesse na descoberta de fraudes no terreno dos fenômenos mediúnicos.

A segunda é que, relativamente à Doutrina Espírita, de igual modo ele somente pode ajudar, pois quanto mais combatê-la mais a promoverá, dado o seu descrédito depois da publicação pela Edições Loyola (São Paulo, 1976), do volumoso livro CURANDEIRISMO: UM MAL OU UM BEM?

Na mencionada obra, onde se lê que *"O espiritismo é a amálgama de todas ou quase todas as superstições surgidas ao longo da História."* (página 194), o padre Quevedo escreveu o que segue:

"Após uma longa série de artigos publicitários, o jornalista J. Herculano Pires, atual presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo, seguramente o mais habilidoso membro do truste..." (página 282)

"Por exemplo, o jurista César Lombroso, um dos autores mais prestigiados pelos espíritas..." (página 394)

"Extra-sensorialmente, o inconsciente sabe tudo o que acontece no passado, presente e futuro, dentro do nosso globo, numa margem de dois séculos." (página 156)

Eis aí três declarações do padre Quevedo, devidamente documentadas, com a citação da fonte em que foram colhidas.

A primeira contém uma grande mentira. O jornalista J. Herculano Pires jamais foi presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo. Qualquer pessoa pode verificar isso.

A segunda contém uma leviandade demonstradora de surpreendente incultura. César Lombroso não foi jurista (jurista é um homem versado na ciência do direito), foi médico, considerado como criminalista porque estudou, medicamente, o perfil do criminoso nato.

A terceira contém um absurdo inqualificável. Dizer que o inconsciente sabe tudo o que acontece no futuro em uma margem de duzentos anos já não é nem uma heresia científica, é uma piada...

Daí porque estamos prestando esta homenagem ao padre Quevedo.

[\(voltar\)](#)

Quevedo como Ator Televisivo

As múltiplas *quevedices* — tolices que o padre Quevedo disse — já estão se transformando em *sandices*. Eis o que figura na página 36 da revista *VEJA*, edição 1632, de 19 de janeiro do ano 2.000:

"O Doutor Fritz nunca existiu, sempre foi uma farsa, e Chico Xavier é um fanático que já foi pego em truques."

Esta declaração, segundo a mencionada revista, é do *"Padre Quevedo, que desmascara paranormais no quadro Caçador de Enigmas, do Fantástico"*.

Como se vê, não laboramos em erro quando previmos, no texto anterior, o começo de uma nova guerra dos setores intolerantes da Igreja Católica contra o Espiritismo.

Nesta guerra a luta é desigual porque o inimigo gratuito usa as balas da calúnia. Afirmar que Francisco Cândido Xavier, um homem reconhecidamente honesto e puro em suas intenções, que o país inteiro admira pela bondade e honradez, *"já foi pego em truques"*,

constitui um infâmia que somente não dará cadeia para o seu autor porque confiamos mais na justiça de DEUS do que na humana, e sempre perdoamos as ofensas como ensinou Jesus.

Iludem-se, porém, os sacerdotes prepotentes que no passado queimaram os nossos livros no Auto-de-Fé de Barcelona, e hoje, aproveitando-se do formidável poder de sugestão da mídia eletrônica, tentam desmoralizar a crença espírita. Eles vão perder esta nova batalha, como perderam outras de triste memória.

Vão perder porque buscam encobrir o sol da realidade espiritual com a peneira da fantasia dogmática, vão perder porque não possuem argumentos lógicos para respaldar seus discursos obscurantistas.

Esse padre Quevedo, sobre quem sempre procuramos guardar um silêncio caridoso, dado como excepcional parapsicólogo, não possui o mínimo de competência para abordar a complexa problemática da fenomenologia supranormal e mediúnica, chega a causar surpresa o fato de ter sido contratado, ou simplesmente aceito, por uma distinta emissora de televisão, para fazer o que já fez, com ares de cientista e *mise-en-scène* de ator improvisado.

Já provamos, no escrito precedente, que ele é capaz de mentir, de cometer leviandades culturais e de expor teorias ridículas garantindo que o inconsciente de uma pessoa conhece os acontecimentos futuros até duzentos anos.

Agora cumpre-nos acrescentar que o padre Quevedo não tem sequer o mérito do pioneirismo, da originalidade, nessa cruzada antiespírita.

Antes dele um outro padre, chamado Herédia, circulou pelos teatros de Nova York promovendo exposições de desmascaramento de truques a fim de acusar como fraudes todas as manifestações dos Espíritos.

Ora, qualquer estudioso do assunto sabe que, no campo da mediunidade, existem muitas mistificações e numerosos embustes, mas nem por isso alguém pode proclamar que todas as comunicações dos Espíritos são inautênticas e ilusórias, produto da má-fé ou ingenuidade. Delas há registros nos livros sagrados dos diversos povos, principalmente na Bíblia que o Vaticano adota, e sobre elas pesquisadores de mais alta respeitabilidade intelectual, como Paul Gibier, Oliver Lodge, Alfred Russel Wallace, Friedrich Zollner, Gustave Geley, Ernesto Bozzano, dentre outros, fizeram declarações positivas que não podem ser anuladas por um padre-ator de televisão.

Quevedo, portanto, com o seu inconsciente-sabe-tudo, deveria saber que o combate ao Espiritismo, com base na tese das fraudes, é de um primarismo gritante. Já que ignora isto, queremos agradecer-lhe os bons serviços prestados à nossa crença na tela da TV, onde aparece rodeado de fumaça com uma sonoplastia de filme de terror...

[\(voltar\)](#)

A Pouca Leitura de Quevedo

Ao salientar para os leitores, em escrito precedente, que o padre Quevedo deixou de ser levado a sério pelo público esclarecido desde o lançamento, em 1976, do seu livro CURANDEIRISMO: UM MAL OU UM BEM? (Edições Loyola), porque nele mentiu (página 282, onde o jornalista J. Herculano Pires é dado como presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo), porque nele cometeu surpreendente leviandade cultural (página 394, onde o médico César Lombroso é citado como jurista), e porque chegou ao ridículo declarando que "Extra-sensorialmente o inconsciente sabe tudo o que acontece no passado, presente e futuro, dentro do nosso globo, numa margem de dois séculos" (página 156), ao salientar isto, repetimos, cremos ter prestado dois bons serviços: um à causa espírita, baixando o fogo do referido sacerdote que, segundo a revista *VEJA*, edição de 19 de janeiro último, difamou o honrado médium Francisco Cândido Xavier com a afirmação de que ele "já foi pego em truques", outro à distinta emissora que o contratou supondo tratar-se de eminente parapsicólogo.

Na verdade o padre Quevedo não passa de um ferrenho inimigo da ciência e da religião espírita, tão apaixonado que, para cumprir a inglória missão de nos atacar, já entrou em

conflito até com os setores mais lúcidos da sua própria Ordem Religiosa, contrapondo-se à tese da possessão demoníaca consagrada pela Igreja, além de ter ofendido muitos católicos ao classificar como "babaseiras" as mensagens de Medjugore. Temos velhos recortes de jornais sobre tais assuntos que preferimos não explorar por uma questão de ética.

Basta-nos, quanto a este detalhe, reproduzir o que o padre Quevedo escreveu na página 383 do seu livro mencionado. Leiamos:

"Os coríntios e o próprio São Paulo não estavam cientificamente mais adiantados que seus contemporâneos. É muito provável que o próprio São Paulo não soubesse (não era ele cientista, e a interpretação de fatos do mundo não compete ao apóstolo nem à Igreja) que todos esses fenômenos, por exemplo, a 'graça de curar doenças', eram geralmente produto da exaltação emotiva e que em geral não superavam as explicações que a Parapsicologia dá hoje."

Sem comentários porque o problema não é nosso, é dos católicos.

Na parte que nos toca precisamos alinhar mais alguns argumentos para completar a demonstração do primarismo do padre Quevedo.

Começamos arrematando o presente escrito com um informe útil ao nosso opositor. Apesar de possuir, conforme alardeia, mais de dez mil obras sobre a Ciência Psíquica, afora um museu com sapos de boca amarrada e quejandos, ele necessita ler bem mais no campo da paranormalidade para aumentar o raio de ação do seu *inconsciente-sabe-tudo*. Dois séculos de conhecimento para trás é pouco, não explica numerosos casos clássicos de fenômenos espíritos. Eis um deles, descrito no *Times* de Londres em 18 de agosto de 1922:

O Comandante de um navio inglês, o Nakura, ao assistir a bordo, durante uma viagem, o trabalho psicográfico de uma conhecida médium, ouviu dela estas palavras:

— Que pena, está aqui um oriental e não entendo o que ele escreve.

Não obstante dizer isso a médium continuou desenhando no papel uns hieróglifos que punha de lado.

O Comandante ficou com o papel e depois submeteu o curioso documento ao exame de vários orientistas e indianos que igualmente nada entenderam. Certa vez em outra viagem embarcou no navio um dos mais eruditos arqueólogos, e o Comandante lhe apresentou o documento. Ele teve exclamações de espanto. Era um excelente exemplar de escrita hierática, forma sagrada e cursiva dos hieróglifos de cinco mil anos antes da era Cristã.

Paremos por aqui para continuar adiante. Garantem os católicos que não se deve gastar muita vela boa com defunto ruim, mas convém acendermos mais algumas luzes nesse velório quevediano...

[\(voltar\)](#)

Quevedo e Crookes

Tenham mais um pouco de paciência os leitores destes escritos. Necessitamos prosseguir com as homenagens fúnebres que o padre Quevedo nos obrigou a lhe prestar, enterrando-o em suas próprias palavras que pretendem ferir de morte a crença espírita.

Ele não pode nos acusar de inventar coisa alguma contra a sua pessoa, como inventou aquela história caluniosa de que o honrado médium Chico Xavier "já foi pego em truques", pois em todos os nossos textos estamos reproduzindo aquilo que disse ou escreveu, com a devida citação da fonte.

Neste escrito apraz-nos fazer referência ao Volume 2 do seu livro OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO? (Edições Loyola, São Paulo, 2ª edição, 1995).

Nele começa o padre Quevedo citando Allan Kardec e logo na página 8 tenta sofismar relativamente a William Crookes. Impõe-se-nos desmascarar aqui a esperteza, mostrando porque e como foi articulada.

William Crookes, emérito cientista da Inglaterra, pesquisou os fenômenos mediúnicos e conseguiu obter, na sua própria casa, em experiências feitas sob os mais rigorosos cuidados de controle para impedir fraudes, materializações de um Espírito que foi não somente por ele fotografado mas também examinado minuciosamente. Crookes chegou ao extremo de cortar uma pequena mecha dos cabelos do fantasma e lhe escutar os batimentos cardíacos. Publicou um relatório sobre o assunto no *Quarterly Journal of Science*, de Londres, e com isso deixou perplexos os círculos do saber acadêmico que o admiravam como um grande sábio incrédulo da imortalidade da alma e avesso às questões metafísicas.

Após relatar suas experiências com riqueza de detalhes metodológicos, William Crookes ficou na História da Ciência Psíquica como o autor de *provas graníticas* em favor da autenticidade dos fenômenos espíritas, segundo a expressão de Charles Richet, seu colega, Prêmio Nobel em Fisiologia no ano de 1913 e criador da Metapsíquica, que estudou a mediunidade muito mais e melhor do que a Parapsicologia, com a diferença de aplicar o método qualitativo e não quantitativo.

William Crookes, pela sua respeitabilidade até hoje intocável nos meios científicos, é uma espinha na garganta dos parapsicólogos antiespíritas. Vejamos como o padre Quevedo, espertamente, tenta arrancar tal espinha da sua goela.

Conforme já assinalamos, na página 8 do seu citado livro, inicia ele uma transcrição de depoimentos de Crookes que vai até a página 10. Com base nessa transcrição conclui que

"O próprio Crookes atribuirá os fenômenos espiritóides à 'força psíquica' do médium e dos assistentes".

Acontece que os depoimentos de Crookes transcritos pelo padre Quevedo se referem a pesquisas realizadas com os médiuns *Sra. Fox* e *Sr. Home*, (Kate Fox e Daniel Dunglas Home), e não com Florence Cook, a médium por quem o famoso cientista obteve as materializações de Espírito que colocaram fim à sua incredulidade. Isto o padre Quevedo deixou de esclarecer, astutamente, para enganar os leitores.

Lendo as páginas 215/216 do livro de Arthur Conan Doyle HISTÓRIA DO ESPIRITISMO, publicado no Brasil por uma Editora não espírita (Editora Pensamento, de São Paulo), sabe-se como os detratores do Espiritismo têm se esforçado, em vão, para retirar de nossa crença a glória de ter como defensor o cientista William Crookes, Membro da Sociedade Real de Londres, descobridor do *Tálio*, um novo corpo simples metálico, inventor do fotômetro de polarização e do microscópio espectral, o primeiro cientista a demonstrar, experimentalmente, o estado radiante da matéria entrevisto por Faraday. Não foi à toa que Crookes recebeu em 1875 a *Royal Gold Medal*, por suas pesquisas no campo da Física e da Química, em 1888 a *Davy Medal* e em 1904 a *Sir Joseph Copley Medal!*. Não foi à toa que em 1897 foi nomeado Cavaleiro pela Rainha Vitória. Não foi à toa que em 1880 a Academia de Ciências da França lhe concedeu uma medalha de ouro e um prêmio de 3.000 francos. Não foi à toa que foi Presidente da *Royal Society*, da *Chemical Society*, da *Institution of Electrical Engineers* e da *Society for Psychical Research*.

Inimigos do Espiritismo, no século passado, arquitetaram em 1874 um boato insinuando que Crookes houvera mudado de opinião a respeito dos fenômenos mediúnicos que ele obteve com Florence Cook, mas a mentira não vingou. Registra Conan Doyle no seu livro citado, página 215:

"Em seu relatório presidencial perante a Associação Britânica em 1898, em Bristol, Sir William Crookes se refere ligeiramente às suas primeiras pesquisas.

E diz:

"Ainda não toquei num outro interesse - para mim o mais sério e de maior alcance. Nenhum incidente em minha carreira científica é mais conhecido do que aparte que tomei durante anos e em certas pesquisas psíquicas. Já se passaram trinta anos desde que publiquei um relatório das experiências tendentes a mostrar que fora do nosso conhecimento científico existe uma força utilizada por inteligências que diferem da comum inteligência dos mortais... Nada tenho de que me retratar. Confirmo minhas declarações já publica das. Na verdade, muito teria que acrescentar a isto.

"Cerca de vinte anos mais tarde sua crença era ainda mais forte. Durante uma entrevista (The International Psychic Gazette, December, 1917, 61-2) disse ele:

"Jamais tive que mudar de ideia a tal respeito. Estou perfeitamente satisfeito do que disse nos primeiros dias. É muito certo que um contacto foi estabelecido entre este mundo e o outro."

Eis aí desfeita, com provas documentais, mais uma artimanha do padre Quevedo. Ele, e não Francisco Cândido Xavier, é que se utiliza de truques para ludibriar o povo.

[\(voltar\)](#)

As Armas do Padre Quevedo

Afora os sofismas com os quais engana os seus leitores, conforme provamos documentalmentemente no texto anterior, padre Quevedo empunha duas armas para combater o Espiritismo: uma é a teoria do inconsciente-sabe-tudo (e além de saber, pode...), a outra é a acusação de fraude para desqualificar os fenômenos comprovadores da comunicação dos Espíritos.

Vejamos como estas duas armas são enferrujadas e impotentes, tratando da primeira neste escrito e da segunda no próximo.

A teoria do inconsciente todo-poderoso pode não passar de mera teoria, ou melhor, de fantasia, pois lhe falta base científica - até hoje ninguém foi capaz de oferecer qualquer prova experimental que a endosse. Apesar disso os parapsicólogos antiespíritas se agarram nela, e o padre Quevedo, utilizando-a, apenas copia o que outros já fizeram.

Por que tais parapsicólogos se agarram nessa teoria?

Simplesmente porque, sendo uma fantasia, enseja infundáveis divagações através de ambiguidades semânticas que explicam tudo sem explicar coisa alguma. Assim, basta ser astuto no jogo com as palavras (e o predicado da esperteza, já vimos, o padre Quevedo tem de sobra) que se ganha a aparência de sábio. Vamos a seguir dar um exemplo do que acabamos de afirmar, com um diálogo composto através das seguintes perguntas e respostas:

Uma pessoa, tida e havida como normal, na família, no emprego, na sociedade, de repente entra em transe, altera totalmente o seu padrão de comportamento e, contrariando hábitos, cultura, temperamento, princípios morais, passa a agir como se estivesse investida de outra personalidade, reproduzindo fielmente a conduta costumeira de algum conhecido já morto.

Ante a estupefação geral a dita pessoa nega firmemente a sua identidade, afirmando durante o transe que é um parente falecido, ou um amigo, ou um vizinho... Haveria aí uma prova de existência e comunicação dos espíritos?

— Qual nada! O que há é uma auto-hipnose, auto sugestão, produto do inconsciente.

Mas, por acaso, a personalidade intrusa é de alguém completamente desconhecido...

— *Dupla personalidade? Então o inconsciente se partiu em dois, pressionado por compulsões e forças contraditórias.*

Mas não é só isso. Em cada novo transe surge uma nova personalidade diferente daquelas que se manifestaram antes...

— *Bem, se é assim temos um caso patológico de esquizofrenia: o inconsciente, que começou se dividindo, fragmentou-se de modo irremediável.*

Mas, para complicar, a infeliz pessoa ultimamente quando entra em transe fica de plena posse das suas faculdades mentais e apenas se queixa de enxergar vultos e ouvir vozes...

— *Banalidade: as energias do inconsciente, impactadas por agitações sensoriais, desencadeiam alucinações visuais e auditivas.*

Mas a pessoa concebe ideias que jamais poderia elaborar por si mesma...

— *Telepatia: o inconsciente, às vezes, capta o pensamento de outra pessoa.*

Mas ela consegue encontrar objetos perdidos onde ninguém pensou que estivessem...

— *Criptestesia: o inconsciente tem esse poder.*

Mas ela intuitivamente recebe a informação de coisas que logo depois acontecem...

— *Precognição: o inconsciente é capaz de façanhas muito maiores.*

Mas ela lembra-se claramente de ter tido uma outra vida...

— *Memória genética: transmitida dos ancestrais pela lei biológica da hereditariedade, através de um ácido cujo código é guardado nas células que fazem o inconsciente funcionar.*

Mas ela é louca de olhos azuis e está convencida de ter sido um negro que existiu, comprovadamente, no século passado, do qual mostra todas as características intelectuais e todos os traços de caráter.

— *Pantomnésia: o inconsciente dessa excêntrica criatura assimilou lembranças retiradas do inconsciente coletivo que, como ensinou Jung, conserva em arquivo vivo toda a História da Humanidade.*

Mas ela ostenta no corpo uma cicatriz idêntica à do sujeito do século passado... Seria o cúmulo da coincidência...

— *Não há nada de mais nisso: o inconsciente, atuando no organismo, plasma em marcas dermatográficas as suas impressões.*

Mas em qualquer casa onde ela vai morar aparecem sinais assombrosos: louças são quebradas misteriosamente, panos se queimam sem o menor contato com calor, utensílios voam, barulhos não deixam dormir...

— *"Poltergeist": as emoções do inconsciente, potencializadas pelo acúmulo de ressentimento, quando se liberam fazem isso. Por perto deve haver alguma criança como epicentro do fenômeno.*

Mas acontece que, em transe, a pessoa fala em diversas línguas estrangeiras que não conhece, inclusive algumas da antiguidade...

— *Xilolalia: o inconsciente penetra na memória cósmica, seleciona os conhecimentos que lhe interessam e depois é só verbalizar. Facilimo!*

Mas ela se desdobra e certa vez, dormindo, foi vista em um lugar muito distante...

— *Autotelediplosia: o inconsciente, em estado de bordelandismo, pode projetar sua imagem em qualquer parte.*

Mas ela foi a uma sessão mediúnica e todos viram sair do seu corpo uma energia branca que, a princípio vaporosa, foi aos poucos se condensando e formou direitinho uma figura humana...

— *Ideoplastia: o sistema nervoso irradiou tal energia e o inconsciente lhe deu forma, animando-a temporariamente.*

Mas a figura moveu-se, conversou com os presentes, revelou coisas por todos ignoradas e, ainda, foi reconhecida pelos parentes que tempos atrás fizeram o seu enterro...

— *Fantasmogenia: além de possuir formidáveis forças catalíticas, o inconsciente tem uma incomensurável capacidade de dramatização.*

Eis aí, prezado leitor, a ficção "científica" dos Quevedos deste mundo. Com tamanho talento para a fantasia é natural que façam sucesso nas telas da televisão.

[\(voltar\)](#)

A Escola do Padre Quevedo

Além da sua teoria fantasiosa e ridícula do *inconsciente-sabe-tudo* — e *tudo pode*, que já desnudamos no artigo precedente aproveitando um trecho do nosso livro O TRABALHO DOS MORTOS E A TOLICE DOS VIVOS, editado pela FEESP em 1993, a outra arma de baixo calibre e munição deficiente que o padre Quevedo usa para combater o Espiritismo é a acusação de fraude em todos os fenômenos mediúnicos.

Nesse sentido ele teve escola e faz escola. Apreciemos o assunto a seguir.

A escola do padre Quevedo desmoralizou-se há muito tempo, com o lançamento do volume O ESPIRITISMO À LUZ DOS FATOS, do saudoso mestre dr. Carlos Imbassahy, dado a lume sessenta e cinco anos atrás (Edição da FEB, Rio de Janeiro, 1935). Leiaamos um breve apontamento desta obra magistral, contido nas páginas 203 / 204 da 1ª edição:

“O grande manancial onde se vão inspirar os que têm escrito contra o Espiritismo é, em via de regra, uns livros do Sr. Heuzé, que foi ciscar, no vasto mealheiro das fraudes universais, umas tantas em que os espertalhões preferiram o terreno do Espiritismo para campo de suas manobras. A estas fraudes autênticas, o autor adicionou umas fraudes hipotéticas ou absolutamente falsas; misturou tudo e apresentou o resultado, dando assim ideia de que os fenômenos psíquicos são consequência de uma fenomenal fraudulência; encartou entre as opiniões de alguns estudiosos outras de nenhum valor; emprestou a uns tantos cientistas conceitos que eles nunca emitiram; arranhou umas ‘confissões’ que os médiuns nunca fizeram e aí temos a Castália onde se vai abebeirar de conhecimentos a literatura dos nossos doutos patricios.

“Para avaliar-se a ‘sem cerimônia’ do Sr. Heuzé basta ver um inquérito a que ele procedeu em pessoa. Quando o apresentou, de público, os sábios, os literatos, os interrogados de todas as categorias ficaram atônitos, por verem, em letra de forma, ideias que nunca expenderam.

“Um dos sábios, Flammarion, foi obrigado a publicar um artigo com o título ‘Une mise au point’, desmentindo as asserções de Heuzé, a seu respeito; disse ele que ‘o leão de Nemeia caindo da Lua não ficaria mais surpreendido’ do que ele, com as opiniões que o entrevistador lhe emprestara.

“Gustave Geley, outro entrevistado, em carta publicada na imprensa declarou que Heuzé lhe havia desnaturado o pensamento.

“René Sudre, metapsiquista, aliás tão do sabor dos adversários do Espiritismo, tratando do referido inquérito, isto é, dessa fonte de ataque onde se vão todos inspirar, declara:

“Trata-se de um inquérito sobre o estado presente da ciência psíquica? Não, afirmamo-lo com toda a franqueza. Se houve imparcialidade na escolha dos entrevistados, ela não existiu no registro das respostas, visto que provocaram retificações importantes; e, ainda menos imparciais foram os comentários expendidos.”

Fiquemos por aqui (o dr. Carlos Imbassahy não fica, prossegue citando outros cientistas de renome na esfera da paranormalidade que desmentiram o irresponsável Sr. Heuzé).

Dissemos que o padre Quevedo também faz escola. Vejamos um exemplo disso. Depois que ele esteve em Belém do Pará dando cursos, um dos seus admiradores, Sr. Carlos Araújo, produziu o livro O PARANORMAL E SEUS MISTÉRIOS (Edição da Ibirapuera Promoções, Castanhal, Pará, 1980), prefaciado por um padre paraense, cujo objetivo foi lançar no descrédito a médium Ana Prado, que se tornou uma figura de relevo na História da Ciência Psíquica depois de ter sido citada por Gabriel Delanne.

Pela mediunidade de Ana Prado ocorreram impressionantes fenômenos de materialização de Espíritos, que se encontram suficientemente documentados no Tomo O TRABALHO DOS MORTOS, do dr. Nogueira de Faria (Edição da FEB).

Pois bem, assim como o padre Quevedo declarou que Francisco Cândido Xavier “já foi pego em truques”, mentira aprendida com a técnica do Heuzé, o Sr. Carlos Araújo, seguindo o ensinamento quevediano, afirmou o que segue na página 127 do seu livro retrocitado:

“Porém temos a certeza de que as materializações de Ana Prado estão longe de serem apontadas como reais por qualquer investigador sério. Podemos concluir por essas e outras evidências implícitas na própria obra que tenta defender tais fenômenos, que sobretudo as materializações da “Patrona do Espiritismo Paraense foram FRAUDULENTAS!”

Agora preste o leitor bem atenção para o seguinte. Na página 117 do mesmo livro, O PARANORMAL E SEUS MISTÉRIOS, o Sr. Carlos Araújo escreve o seguinte:

“MATERIALIZAÇÕES DE ANA PRADO

“Na década de cinquenta o Pará foi sacudido por uma notícia estranha: uma mulher revolucionara os meios espíritas manifestando fenômenos de efeitos físicos estupendos. (...)”

“Analisando os documentos das atas das sessões com Ana Prado, constatamos...”

Eis aí a prova documental da mentira. O imitador do padre Quevedo diz que analisou os documentos das atas das sessões com Ana Prado, quando o Pará foi sacudido pela notícia das mesmas, na década de cinquenta...

Acontece que Ana Prado desencarnou no ano de 1923!

Pode alguém levar a sério gente dessa espécie?

Não admira que tais parapsicólogos antiespíritas acabem na televisão como “Caçadores de Enigmas”, exibindo espingarda de cano torto com balas de festim...

[\(voltar\)](#)

A Pergunta do Padre Quevedo

Uma série de volumes atacando contundentemente o Espiritismo que o padre Oscar G. Quevedo, SJ, publicou ultimamente, com o *Imprimatum* dos seus superiores hierárquicos (Edições Loyola, São Paulo, SP), tem por título esta interrogação:

OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?

É claro que vamos responder à pergunta, não com argumentos falaciosos semelhantes aos seus, e muito menos com ataques pessoais à honra alheia como fez o preclaro jesuíta relativamente ao médium Francisco Cândido Xavier, a quem, sem apresentar nenhuma prova, acusou de já ter sido apanhado em truques.

Vamos responder à indagação quevediana através de fatos que figuram nos anais da Ciência Psíquica de uma forma exuberante. Antes, porém, de executar essa fácil tarefa, por uma questão de apreço ao povo católico deste país (que não tem culpa pela existência do irrequieto parapsicólogo de batina, apaixonadamente antiespírita), cederemos a palavra a um outro sacerdote da Igreja Romana, o padre François Charles Antoine Brune, clérigo de reconhecido saber, pois em seu *curriculum-vitae* consta o que segue:

Bacharelado em Latim, Grego e Filosofia. Coursou seis anos de “Grand

Seminaire”, sendo cinco no Instituto Católico de Paris e um na Universidade de Tubingen. Tem cinco anos de curso superior de Latim e Grego na Universidade de Sorbone. Estudou as línguas assírio-babilônico, hebreu e hierógrafos egípcios. Foi licenciado em Teologia no Instituto Católico de Paris em 1960 (Quevedo só foi ordenado padre no ano de 1961, em um seminário de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, Brasil, segundo a revista ISTO É, edição de 17/01/2000), e em Escritura Sagrada, no Instituto Bíblico de Roma, em 1964. Foi professor de diversos ‘grands Seminaires’ durante sete anos. Estudou a tradição dos cristãos do Oriente e dedica-se a estudos dos fenômenos paranormais.

É este insigne padre, François Brune, que responde, por nós, à pergunta do jesuíta Quevedo: OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?

E responde com um livro que tem este título:

OS MORTOS FALAM

A referida obra, “*Lês Morts nous Parlent*”, traduzida do francês por Arlete M. Galvão de Queiroz e publicada em 1991 pela Editora EDICEL, atualmente com sede em Brasília (Caixa Postal 7551, CEP 73001-970, Sobradinho, DE fone 591-9592), traz na primeira orelha esta informação do autor:

“Escrevi este livro para tentar derrubar o espesso muro de silêncio, de incompreensão, de ostracismo, erigido pela maior parte dos meios intelectuais do ocidente. Para eles, dissertar sobre a eternidade é intolerável; dizer que se pode entrar em comunicação com ela é considerado insuportável.

“Tomem este livro como itinerário. Abandonem, tanto quanto possível, suas ideias preconcebidas. Não tenham medo, se este livro não os transformar, logo se aperceberão. Em todo caso, Leiam esta obra como a história de uma descoberta fabulosa e verdadeira.

“Progressivamente então, surgirão essas verdades essenciais que se tornarão, assim eu lhes desejo, a matéria de suas vidas. A morte é apenas uma passagem. Nossa vida continua, sem qualquer interrupção, até o fim dos tempos. Levaremos conosco para além nossa personalidade, nossas lembranças, nosso caráter.

“O após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos de mortos.

Sim, o livro do padre François Brune traz esta informação logo na *orelha*, e é pena que o nosso Quevedo, tendo orelhas grandes ou pequenas, não escute a voz insuspeita do seu colega.

[\(voltar\)](#)

A Real Identidade do Padre Quevedo

Chegou a hora de analisarmos detidamente, com rigoroso critério lógico, o conjunto de dislates e disparates através dos quais o padre Quevedo vem denegrindo, há nada menos de quatro décadas, nossa crença, nossa Doutrina e até nossa reputação pessoal, como provaremos logo adiante.

Sejamos didáticos, para a boa informação dos leitores, começando com a imprescindível e oportuna identificação do ilustre clérigo, antes de darmos início ao exame dos autos do processo condenatório por ele desencadeado contra o Espiritismo.

Ao fazer tal identificação também sejamos educados, não descendo para o terreno onde

ele costuma pisar. Impõe-se-nos, em virtude da formação moral e intelectual espírita, exercer o direito de defesa contra os seus ataques mantendo o equilíbrio que lhe falta ao escrever coisas assim:

"Todos sabem que mediunidade e homossexualidade caminham juntas. A imensa maioria dos médiuns são homossexuais." (Livro OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, Volume 4, mesma Editora, 1993, página 41).

Pondo de lado esta e outras assacadilhas do padre Quevedo, a fim de manter o alto nível da nossa argumentação, registraremos aqui tão só o fato de que ele, embora fale em nome da Parapsicologia, não é um cientista, e aliás não é apenas um padre, é um *jesuíta*, membro da famosa *Companhia de Jesus*.

Convém deixarmos isto bem claro, sobretudo em apreço aos nossos irmãos católicos, dignos de fraternal estima, pois a Igreja Romana nos derradeiros tempos mudou muito e hoje possui várias Ordens Religiosas bastante simpáticas, como a dos *franciscanos*, que cultivam a humildade e pregam os Evangelhos para os pobres, a dos *salesianos*, que se dedicam à educação dos jovens, e algumas outras igualmente nobres em suas intenções e atos.

A mencionada *Companhia de Jesus*, que concede *Imprimatum* para livros do padre Quevedo, é provavelmente, nos dias modernos, a única que nos odeia e hostiliza.

Este detalhe não causa admiração porque, segundo o clássico LELLO UNIVERSAL, ela, a *Ordem dos Jesuítas*, foi fundada especialmente para a "*conversão dos heréticos*". Esqueçamos a *Santa Inquisição* de triste memória, que acendeu tantas fogueiras para queimar inocentes na noite tenebrosa da Idade Média, mas ressaltemos que o passado dessa Ordem não é lá tão pacífico e edificante. O LELLO UNIVERSAL nos diz (Volume 2, página 1347) que os jesuítas,

"introduzidos em Portugal por D. João III, em 1540, foram expulsos deste país em 1759, pelo marquês de Pombal, e também desapareceram do Brasil pouco depois. Em França, a Ordem foi introduzida por Henrique II, tendo como adversários o Parlamento e a Universidade. Foram expulsos por várias vezes, sendo a última em 1880".

Reconhecemos que o insigne teólogo Oscar G. Quevedo, SJ, zelando pela sua fé, tem o direito de nos considerar heréticos e espalhar esta sua opinião aos quatro ventos. Todavia, não tem o direito de propalar contra nós inverdades infamantes. Ele sabe muito bem que tanto Allan Kardec não foi um *simplório*, como diz, quanto não são os médiuns, na *imensa maioria*, homossexuais. Por isso, depois de atacar o Espiritismo tão maquiavelicamente durante cerca de quarenta anos, daqui para frente vai ter que acertar conosco velhas contas atrasadas...

[\(voltar\)](#)

Quem é o Fanático: Kardec ou Quevedo?

Como vimos no texto precedente, o padre Quevedo não é cientista, é um teólogo que se apropria da literatura documentadora dos fenômenos paranormais com o único objetivo de atacar a Codificação de Allan Kardec, a quem chama seguidamente de fanático. O volume 5 do seu tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO? (Edições Loyola, 1993), publicado com o *Imprimatum* da Ordem dos Jesuítas, é aberto com este título: ESPÍRITA NÃO PODE SER CIENTISTA.

Até aí tudo bem, na qualidade de jesuíta ele tem de fazer isso mesmo por dever de ofício, pois sua Ordem eclesiástica foi instituída especificamente para a "*conversão dos heréticos*", se necessário a ferro e fogo, e os heréticos somos nós.

Acontece que esse figadal inimigo da nossa crença fala como se fosse um legítimo representante da Metapsíquica e da Parapsicologia, para o que não possui qualquer qualificação, e falando diz numerosas sandices e parvoíces, além de distorcer importantes fatos científicos com argumentos capciosos e baldos de sensatez, tão parciais e aéticos quanto delirantes.

Antes de mostrar de maneira mais detalhista e minuciosa como ele sofisma sistematicamente para vilipendiar a Doutrina Espírita e seus profitentes, centrando o tiroteio sobretudo em Allan Kardec, cumpre-nos desnudar a estratégia que o movimentava.

Esta particularidade é importante porque, consoante já vimos, padre Quevedo discursa em nome da ciência, como se fosse, na realidade, um parapsicólogo.

Não é.

Nunca foi e nunca será, pelo menos nesta encarnação, porque lhe faltam para isto os mínimos predicados mentais e emocionais.

Um verdadeiro parapsicólogo é um cientista e um cientista é, necessariamente, uma pessoa que pensa e age sem ideias preconcebidas, sem impulsos passionais.

Desde René Descartes o método científico baseia-se na dúvida sistemática, na pesquisa e na experiência atenciosas com o registro dos eventos para interpretação honesta. O dr. Joseph Banks Rhine, reconhecido como fundador da Parapsicologia, que modernamente substituiu a Metapsíquica, limitou-se ao emprego desse método com o qual chegou à conclusão de que os fenômenos psi não obedecem às leis físicas. Todos os estudiosos da matéria sabem disso e sabem que ele não foi além disso, até porque não poderia ir, pois entrando nos domínios da metafísica passaria a ser filósofo deixando de ser cientista. Em nenhum livro do dr. Rhine há juízos de valor contra a mediunidade ou contra o Espiritismo; pode-se até dizer que suas descobertas são favoráveis às premissas teóricas da construção doutrinária de Allan Kardec.

Eis o que escreveu o eminente dr. J. B. Rhine no volume *New Frontiers of the Mind* (página 176 na tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho, publicada pela Editora Ibrasa, de São Paulo, em 1965):

"O que, até então, descobrimos nas pesquisas atinentes à percepção extra-sensória seria, pelo menos, favorável à possibilidade da sobrevivência do indivíduo depois da morte, isto é, tal sobrevivência importaria, naturalmente, numa existência sem os órgãos dos sentidos, sem sistema nervoso e sem cérebro."

Compare agora o leitor estas palavras do criador da Parapsicologia com as expressões que seguem do padre Quevedo e veja se ele merece ser tido como parapsicólogo, ou se está enganando o público quando faz pose de cientista. Abramos o Volume 5 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO? do padre Quevedo e vejamos, a seguir, como começa a página 50:

"Assim: miseráveis mestres, que com orgulho e descaro pisoteiam a Santa Religião, servindo-se e corrompendo o verdadeiro sentido da Sagrada Escritura e do Evangelho. Alguém pode duvidar que entre eles destacam-se o autor e propagandista do Evangelho Segundo o Espiritismo, os autores e propagandistas da identificação de milagres divinos (na Bíblia, nos Evangelhos, na História) e mediunidade espírita?"

Eis aí a comprovação de que o fanático é o padre Quevedo e não Allan Kardec.

[\(voltar\)](#)

Quem está Certo: Rhine ou Quevedo?

Já sabemos que o espanhol Oscar Gonzalez-Quevedo nunca foi cientista, é um padre ordenado em terras brasileiras, no interior do Rio Grande do Sul, pertencente à Ordem dos Jesuítas, instituída com a missão de dar impiedoso combate a quem discordar da fé católica: sua característica mais saliente, aquela que a distingue, ou diferencia, de outros Ordens da Igreja Romana consideradas contemplativas, repousa na disciplina, obediência e fidelidade ao Papa, infalível em assuntos de fé de acordo com um dogma.

Cientista foi o dr. Joseph Banks Rhine, que fundou a moderna Parapsicologia depois de pesquisar em laboratório os fenômenos paranormais utilizando respeitáveis critérios de avaliação; seus métodos experimentais, de natureza quantitativa, foram aprovados até pelo matemático inglês Soal, que a princípio lhes negou validade estatística.

Pois bem, enquanto o dr. Rhine, com a indiscutível autoridade dos estudos que fez durante anos a fio na Duke University, dos Estados Unidos, declara que *"a mente constitui, ainda, um mistério"* (vide o Tomo *Frontiers of the Mind*, página 2 na tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho publicada pela Editora Ibrasa, de São Paulo, em 1965), o padre Quevedo "explica" todos os fenômenos espíritas com os poderes do inconsciente aludindo à percepção extra-sensorial, objeto de estudo da Parapsicologia.

Uma ridícula artimanha intelectual, está bem visto. Um acinte ao bom senso do público. Um desrespeito à inteligência esclarecida das pessoas que lidam tecnicamente com o assunto.

O que todos sabem, não por estudos da Parapsicologia, e sim por informação elementar da Psicologia desde as descobertas pioneiras de Freud, é que a mente do ser humano funciona também em diversos níveis sub-conscenciais, alguns tão profundos, abaixo do infra-ego, ou id, que podem ser arrolados como zonas de um *inconsciente*. Mas que esse inconsciente tenha a capacidade de produzir todos os efeitos manifestos no vasto campo da fenomenologia mediúnica, é afirmação descabida ou no mínimo inverificável, sem base lógica e factual.

Ainda que o inconsciente possa se dividir e fragmentar, gerando personalidades múltiplas na mesma pessoa, não poderia ele ser o fator causal de determinadas comunicações de Espíritos que revelam conhecimentos inacessíveis ao médium.

Afirmar que *"Extra-sensorialmente, o inconsciente sabe tudo o que acontece no passado, presente e futuro, dentro do nosso globo, numa margem de dois séculos"*, como afirma o padre Quevedo (livro *CURANDEIRISMO: UM MAL OU UM BEM?*, Edições Loyola, São Paulo, 1976, página 156), é um despropósito tão absurdo que não merece nem refutação. Ninguém jamais verificou essa virtude miraculosa do inconsciente. O que a Parapsicologia verificou, detectando fenômenos de psi-gama, foi a possibilidade do inconsciente alcançar coisas que escapam à consciência, em termos de espaço e tempo, assim como a Psicologia freudiana verificou a possibilidade do inconsciente influir na consciência através de atos falhos ou neuróticos.

E ainda que o *inconsciente* tenha poderes telecinéticos (a Parapsicologia igualmente não verificou isto, verificou apenas que a vontade, acionada ao nível da consciência, pode em certas circunstâncias atuar sobre objetos à distância), esses poderes telecinéticos do inconsciente não explicariam todas as materializações de Espíritos documentadas pela Ciência Psíquica, com a contrapartida das desmaterializações obtidas nas moldagens em parafina de membros humanos, porque os mais expressivos fenômenos do gênero, agora denominado psi-kapa e não ectoplasmia, foram acompanhados de tais revelações que só é possível explicá-los, sem admitir-se a interferência de um elemento extrínseco ao médium, com teorias mirabolantes e risíveis como a do padre Quevedo, muito menos razoáveis do que a hipótese espírita. Ele escreve no seu tratado *OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?* (Edições Loyola, São Paulo, Volume 2, 2a edição, página 26):

"É admirável ou lamentável que os espíritas de hoje não estejam - ou finjam não estar - a par da descoberta do inconsciente pela psicologia moderna."

Como não estamos?

Estas linhas tanto provam que estamos, quanto comprovam que não temos nenhuma dificuldade em rebater os argumentos contrários à tese espírita, todos eles fantasiosos, sem o menor respaldo científico.

E fique ciente mais o padre Quevedo de que não vamos ficar por aqui. Prosseguiremos desmontando os alicerces da sua construção sofismática.

Por enquanto, como estamos produzindo textos senados, contentamo-nos em confrontar a presunçosa sapiência quevediana com a sabedoria ponderada do dr. J. B. Rhine, o *Pai* da moderna Parapsicologia, para quem, com já vimos, *a mente constitui, ainda, um mistério*.

Sim, constitui.

Só não constitui para o padre Quevedo, que tendo desvendado tamanho mistério merece as honras de "maior gênio de toda a História da Humanidade". Como dizem os poucos católicos ainda tradicionalistas, crentes de que os "mortos" somente podem se comunicar com os vivos através de milagre, benza-o DEUS...

[\(voltar\)](#)

A Estratégia do Padre Quevedo

A estratégia do padre Quevedo em sua *guerra santa* contra o Espiritismo emprega dois recursos táticos: o tiroteio ruidoso para nos deixar zonzos sem saber por onde iniciar a reação defensiva, e a sabotagem destruidora do arsenal de armas que temos para impor o reconhecimento da autenticidade das ocorrências mediúnicas.

É, sem dúvida, uma estratégia hábil, porque envolve o Espiritismo por atacado e a varejo, procurando diminuir os seus fenômenos e diluir os seus conceitos doutrinários, além de nos obrigar a uma luta em campo aberto para a qual não temos a menor vocação, pois aprendemos com Jesus e Kardec a perdoar *setenta vezes sete* os inimigos, mesmo aqueles que mais nos odeiam e combatem.

Contra tão astuta estratégia do padre Quevedo, um ardoroso teólogo e brilhante artista de televisão, com alto poder de fogo municiado por uma confraria secular que tem nome na história da cultura ocidental, sendo até hoje muito temida, a Ordem dos Jesuítas, preferimos nos valer de outra estratégia identificada pelo povo simples com esta frase: *beber sopa quente pela beira do prato...*

Assim, primeiro esfriamos, no artigo precedente, o calor da suposta autoridade científica do padre Quevedo, mostrando documentalmente como ele nada tem de parapsicólogo, na realidade. Depois de fazer isso utilizando as ideias superlativamente respeitáveis do fundador da moderna Parapsicologia, dr. Joseph Banks Rhine, vamos agora completar a tarefa demonstrando, sempre documentalmente, que ele age de maneira defeituosa quando exhibe para o público o alvo de suas balas, o Espiritismo. Somente a partir de então começaremos, no próximo texto, a nos ocupar das picuinhas da sua obra literária que tenta confundir os leitores incautos.

No Tratado de cinco volumes que deu a lume com o *Imprimatum* da Ordem dos Jesuítas, intitulado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO? (Edições Loyola, São Paulo), o padre Quevedo em nenhum momento consegue esconder, ou pelo menos disfarçar, sua fixação em Allan Kardec. No volume 2, em dez páginas (nos. 129 a 138), cita quinze vezes o nome do codificador do Espiritismo.

Até aí, tudo bem. O problema, no entanto, é que ele apresenta o Espiritismo para o público, no referido Tomo, página 89, com estas palavras:

"Tudo, no alto espiritismo, rodopia ao redor dos mortos: acreditam receber a doutrina dos mortos, não de Deus; aos mortos dão seu culto, não a Deus; os mortos são os guias e não há Divina Providência; mesmo o Juiz Supremo não é Deus, mas o carma ao que o próprio Deus teria de obedecer. Ateísmo prático,

quando não teórico."

Que primor de esperteza, para nos lançar a pecha de ateísmo!

Abramos esta pequena lata de sardinhas mentirosas, espremidas umas nas outras. Puxemos todas elas para a nossa brasa verídica, pinçando-as pela sequência em que foram empilhadas.

— Tudo, no alto espiritismo, rodopia ao redor dos mortos...

Inverdade!

No dito "alto espiritismo" há acima do *"tudo"* mencionada uma doutrina filosófica que nega a existência de mortos no Além uma doutrina filosófica que nega a existência de mortos no Além com base no seguinte pressuposto: se eles "rodopiam" ao redor de nós é porque estão bem vivos.

Uma questão de lógica.

— Acreditam receber a doutrina dos mortos, não de Deus...

Sofisma!

Acreditamos receber a doutrina de DEUS através dos Espíritos que cumprem a Sua vontade soberana. A Igreja do padre Quevedo chama esses Espíritos de Anjos.

Uma questão de semântica.

— Aos mortos dão seu culto, não a Deus...

Inexato!

O Espiritismo, que se escreve com letra inicial maiúscula e não é alto nem baixo, pois só existe um Espiritismo, o codificado por Allan Kardec, sendo o resto puro Mediunismo (foi Kardec que inventou, como neologismo, o termo *Espiritismo*, para designar a prática mediúnica à luz dos princípios filosóficos a ele transmitidos pela Espiritualidade Superior), o Espiritismo, repetimos, respeita todos os cultos mas não adota nenhum, por rejeitar formalismos, cerimônias e quaisquer exterioridades. Valoriza apenas o sentimento, e neste detalhe, embora sendo religioso, tanto quanto científico, distingue-se das demais religiões.

Uma questão de bom senso.

— Os mortos são os guias e não há Divina Providência...

Exagero!

Os Espíritos nos amparam até certo ponto, quando são protetores, todavia assim procedem justamente porque se tornaram instrumentos da Providência Divina.

Uma questão de solidariedade entre os seres, que evidencia o quanto é perfeita a criação de DEUS.

— Mesmo o Juiz Supremo não é Deus, mas o carma ao que o próprio Deus teria de obedecer...

Absurdo!

Todos os livros espíritas autênticos ensinam que DEUS é o Senhor Absoluto da Vida, Onisciente e Onipotente.

Quanto ao "carma" (esta expressão é esotérica, a nossa é *Lei de Causa e Efeito*), trata-se de um princípio geral da Justiça Divina, anulador da doutrina da *graça* tão rendosa para as igrejas profissionalizadas, mediante o qual precisamos resgatar os erros cometidos contra a fraternidade, o que podemos e devemos sempre fazer por intermédio de boas ações, evitando sofrimentos úteis porém não necessários.

Uma questão de liberdade que DEUS nos concede, permitindo-nos escolher o caminho do progresso entre o bem e o mal, o amor e a dor.

Eis aqui, devidamente assadas no espeto da lógica, as sardinhas do padre Quevedo. Façam delas bom proveito aqueles que têm fome espiritual por haverem sido deficientemente alimentados nos banquetes do dogmatismo quevediano.

[\(voltar\)](#)

A Casuística do Padre Quevedo

Depois de termos identificado correta e suficientemente o padre Quevedo, que fala em nome da Parapsicologia mas nunca foi, de fato e de direito, um cientista, e após termos de igual modo identificado a sua estratégia de combate sem trégua ao Espiritismo, cumpre-nos agora proceder ao indispensável exame da casuística que ele manipula para alcançar o seu objetivo.

Neste particular impõe-se-nos logo de saída chamar a atenção para um aspecto da sua obra impressa, especialmente os volumes que ostentam o *Imprimatum* da Igreja: nada contém de original.

Ele, o padre Quevedo, não apresenta qualquer pesquisa experimental feita por si mesmo, com metodologia minimamente científica. Aproveita-se do 'vasto acervo dos fenômenos descritos nos anais da Metapsíquica, antecessora da Parapsicologia, e em torno de tais fenômenos, que não produziu e nem sequer presenciou para poder avaliar as condições de controle, monta o seu discurso jactancioso, distorcendo fatos e fazendo insinuações maldosas sobre os médiuns autênticos e os pesquisadores confiáveis que, historicamente, confirmaram as hipóteses espíritas. Frequentemente descamba para a ofensa pessoal recorrendo até ao deboche.

Não só classifica Conan Doyle como "*fanático*" (página 61 do Volume 5 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO? - Edições Loyola, São Paulo, 1993).

Não só diz que "*Allan Kardec chegou à extrema esquizofrenia*" (página 183 do mesmo tomo).

Não só atribui também "*fanatismo*" a sábios de reputação científica imaculável, como Oliver Lodge (página 295 do Volume 4).

Atinge o máximo de indelicadeza, de descortesia, de falta de educação, de incivilidade, para não dizer insanidade, chamando de "*impagável mestre espírita brasileiro*" o dr. Carlos Imbassahy, um homem de excepcional cultura, que o tratou de forma tão distinta e tão gentil quando com ele entrou em polêmica. Como se tudo isso não bastasse, generaliza, proclamando:

"O leitor já está saturado de saber com quanta facilidade os mestres do Espiritismo mentem..."(página 158 do Volume 5).

Mas, deixemos de lado essas ofensas e vejamos a qualidade da casuística do padre Quevedo. Ele começa o Volume 3 do seu Tratado colocando na página de abertura (nº 7) estas palavras:

"Como sempre, damos preferências aos casos mais venerados pelos espíritas, casos selecionados pelos grandes mestres..

Apesar de um tanto antigos. Há muita ingenuidade.

"J. Huertas Lozado foi um célebre espírita espanhol. Antes de sua sincera conversão ao catolicismo, aprendera e praticara em larga escala os mais notáveis fenômenos do espiritismo. Era muito considerado e famoso. Depois de sua conversão, porém, ele mesmo reconhecia:

"Outras vezes eu tinha visões. Juro que nunca vi coisa alguma. É tão fácil iludir os homem! (...)

"Se um espectador desejava falar com um morto que eu não conhecera, procurava habilmente averiguar seu nome, sem que o consulente percebesse. Depois dizia ou escrevia o que me parecia mais agradável ao consulente, e no fim declinava o nome do espírito evocado."

Analisemos este primeiro exemplo da casuística do padre Quevedo.

Primeiro, ele afirma que dará preferência aos casos "mais venerados" pelos espíritas, e imediatamente escolhe o caso de um sujeito por nós desconhecido, de atitudes abomináveis e não veneráveis.

Segundo, ele deixa mal a sua pátria de origem, a Espanha, pois no Brasil gente como J. Huertas Lozado, mistificadora e safada, engana os tolos mas não se torna célebre, considerada e famosa nos meios espíritas.

Terceiro, ele em nada engrandece a sua Igreja, pretendendo honrá-la com a conversão de um vigarista.

E o mais grave aqui vai em uma simples pergunta:

— Como pode o padre Quevedo julgar tal sujeito digno de figurar em um Tratado de Parapsicologia como elemento de peso contra a autenticidade dos fenômenos mediúnicos?

A única explicação para tamanho descuido do esperto jesuíta encontra-se quase no fim do citado Volume, página 263, onde ele escreve:

"É sabido que entre os santos, os místicos, e mesmo entre os pseudo místicos católicos, sempre houve mais e melhores fenômenos para-psicológicos do que em ambiente espírita. No espiritismo, pelo ambiente mórbido, de "além-túmulo", desequilibrado e desequilibrante, os fenômenos 'retorcidos', baixos... são quase regra; mas qualidade, e mesmo quantidade, é no catolicismo. De todos os tipos de fenômenos. Em todas as épocas."

Eis aí. Não precisamos dizer mais nada relativamente a este assunto. Fazê-lo seria até faltar com o devido respeito à inteligência dos leitores.

[\(voltar\)](#)

Os Livros do Padre Quevedo

Está na hora de esquecermos o padre Oscar Gonzalez-Quevedo como astro de televisão, "caçador de enigmas" para-psicológicos. Infelizmente não podemos esquecer por completo o inimigo no 1 do Espiritismo nesta nação. Ele não é apenas um ator de talento e um esperto mágico. No palco de arena da cultura brasileira contemporânea o irrequieto jesuíta espanhol representa também o papel de escritor, maquiado de cientista. A partir de 1964 publicou nada menos de quinze obras, todas com a finalidade específica de pôr no descrédito os mais famosos fenômenos mediúnicos, criteriosamente documentados por sábios de renome universal, e de ridicularizar, em consequência, a Doutrina codificada por Allan Kardec. Um só de tais livros, *A FACE OCULTA DA MENTE*, teve a justa refutação pela pena corajosa e competente do nosso saudoso mestre Carlos Imbassahy. o autor de *A FARSA ESCURA DA MENTE*.

Vamos, pois, sem mais delongas, à análise lógica, honesta e paciente das brochuras quevedianas, algumas com mais de quatrocentas páginas (uma tem 786 páginas). Convém antes de tudo identificar sua fonte editorial: oito delas foram dadas a lume pela Igreja Católica, oficialmente; as outras não. Expliquemos este sutil detalhe: *A FACE OCULTA DA MENTE*, única da qual não necessitamos nos ocupar pelo motivo retrocitado, e os Tomos 1 e 2 de *AS FORÇAS FÍSICAS DA MENTE*, ostentam o *Imprimatum* de um Vigário Geral em Belo Horizonte, os volumes 1, 2, 3, 4 e 5 do Tratado *OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?* exibem o *Imprimatum* de um Bispo de São Paulo - Região Ipiranga. Sete das brochuras quevedianas foram dadas a lume em parte pelo *Centro Latino-Americano de Parapsicologia — CLAP* (*CURANDEIRISMO: UM MAL OU UM BEM?*, *ANTES QUE OS DEMÔNIOS VOLTEM*, *OS MILAGRES E A CIÊNCIA*, *O QUE É A PARAPSIKOLOGIA* e *NOSSA SENHORA DE GUADALUPE*) e pelas Edições Loyola (*MILAGRES — A CIÊNCIA CONFIRMA A FÉ* e *O PODER DA MENTE NA CURA DA DOENÇA*). O selo das Edições Loyola consta de todos os volumes, mas só nestes dois últimos, pelo menos nas impressões por nós adquiridos, deixam de figurar ora o *Imprimatum* da Igreja, ora a chancela do CLAP.

Ressalta do exposto, irretorquivelmente, que uma parte dos livros do padre Quevedo tem a sua divulgação feita pela Igreja Católica em termos oficiais, outra parte tem a divulgação feita pela mesma Igreja em termos oficiosos, através de uma editora a ela ligada, ambas essas fontes não científicas, porque declaradamente religiosas. Resta saber se a outra fonte geradora da parte restante das brochuras quevedianas, o *Centro Latino Americano de Parapsicologia — CLAP*, possui caráter científico como pretende, o que daria ao padre Quevedo autoridade moral e técnica para dizer o que diz e fazer o que faz.

O mencionado Centro de Parapsicologia se apresenta como uma entidade de "*Pesquisa, Ensino e Clínica*".

Padre Quevedo, todos sabem, sob a égide de tal Centro, o CLAP, pontifica como parapsicólogo, fazendo "experiências" na maioria das vezes teatrais, ministrando cursos e tratando de pessoas enfermas sem ser médico nem psicólogo (é Doutor em TEOLOGIA, de Psicologia cursou somente Licenciatura, o que não lhe dá o direito de clinicar sobre a saúde de ninguém, um tanto mais quando combate tanto a medicina alternativa e pede cadeia para os médiuns espíritas que curam melhor do que ele, sem cobrar consulta...).

Se o CLAP é, efetivamente, um Centro Científico como Quevedo propala, o seu discurso de escritor torna-se digno de respeito, se não é constitui uma fraude muito maior do que aquela que ele atribui aos médiuns da categoria de Francisco Cândido Xavier, a quem acusa de ter sido "pego em truque".

Lancemos uma luz definitiva sobre esta delicada e importante questão.

O *Centro Latino-Americano de Parapsicologia — CLAP*, dirigido pelo padre Quevedo, é de fato um Instituto Científico? Tem fins científicos em seus estudos e emprega métodos científicos em suas práticas? Ou é um órgão religioso disfarçado, que engana as pessoas desejosas de um conhecimento científico autêntico e imparcial em assuntos para-psicológicos?

Eis como respondemos a estas perguntas utilizando as palavras do próprio padre Quevedo. Leiamos o que ele escreveu em dois livros. No Volume 4 do Tratado *OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?*, página 99, há o seguinte trecho ilustrativo dos critérios, interesses e condutas do *Centro Latino-Americano de Parapsicologia*:

"Nisto temos muita experiência no CLAR Nosso Museu está cheio de roupa e de toda classe de estatuetas de exus e orixás que ex-médiuns nos deram, ao se verem livres dessa perniciosa superstição. A conversa pode ter sido relativamente rápida, em pessoas mui fanatizadas e de grande inteligência, mas às vezes também o tratamento para reequilibrar os nervos e o psiquismo foi demorado e difícil... Inclusive alguns ex-médiuns passaram a ser professores de Parapsicologia."

Sem comentários porque o melhor vai adiante.

No livro NOSSA SENHORA DE GUADALUPE, página 9, o padre Quevedo se descuida, escorrega, tomba e a máscara científica do Centro Latino-Americano de Parapsicologia — CLAP se rompe por inteiro nesta curta frase:

"Com muito orgulho e súplica, o CLAP desde a sua fundação, proclama Nossa Senhora de Guadalupe como sua Padroeira."

Com tal proclamação como pode ser científico o laboratório onde padre Quevedo produz seu veneno teórico, com o qual sonha matar o Espiritismo?

[\(voltar\)](#)

A Guerra Sagrada do Padre Quevedo

Comecemos nossa análise lógica, honesta e paciente dos livros do padre Quevedo pelo Volume 1 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, que é subtítulo de OS ESPÍRITOS E OS FENÔMENOS PARAFÍSICOS.

Na Introdução o aludido autor enfatiza:

"Este é o problema abordado neste livro. Há fenômenos sobrenaturais devidos à intervenção dos espíritos dos mortos? Ou tudo é natural? Não vamos cair em meras discussões de nomes." (Página 8)

Por aí já se constata a ótica vesga e a intenção fideística do padre Quevedo, ou seu propósito de tornar confusa a questão que deseja tratar. Os fenômenos devidos à intervenção dos chamados mortos são absolutamente *naturais* e não *sobrenaturais*, como explica a doutrina kardequiana que ele menospreza por dever de ofício, pois se os mortos interferem no mundo não se encontram isolados em um céu de beatitudes contemplativas, não se acham presos em um purgatório, nem estão sendo queimados em um inferno onde permanecerão por toda a eternidade como ensina a Igreja Católica.

Logo na página 38 Quevedo dá partida à sua *guerra santa* contra os fenômenos supranormais que justificam a Doutrina Espírita, contra os médiuns pelos quais esses fenômenos são produzidos e contra numerosos cientistas que os documentaram fartamente, através de pesquisas e experimentações clássicas na História do Psiquismo, feitas com os maiores cuidados metodológicos, sob os mais rigorosos sistemas de controle.

É impressionante como Quevedo, um simples jesuíta espanhol aculturado no Brasil que jamais foi cientista, que para tanto nunca teve formação acadêmica, que até a presente data não apresentou a ninguém um só trabalho metódico, sóbrio e validamente conclusivo no campo de pesquisa da paranormalidade (nem poderia apresentar porquanto, conforme vimos no texto precedente, o Centro de Parapsicologia por ele criado tem até uma Santa na condição de Padroeira, "com muito orgulho e súplica", confessa), é impressionante, repetimos, como o padre em tela procura desmoralizar fenômenos que não presenciou, inclusive atingindo a

honradez de pessoas que não conheceu. Para tanto se apropria sobretudo dos opulentos registros da Metapsíquica, onde figuram os fatos mais eloquentes comprovadores da sobrevivência da alma e sua comunicação com o plano da vida material. Apropriando-se indevidamente dessa literatura ele distorce os fatos, falseia as interpretações razoáveis, e como se isto não bastasse atira lama na dignidade de todos os grandes espíritas do passado, aqueles que fizeram, para sempre, a glória do nosso movimento ideológico.

É muito difícil responder aos livros do padre Quevedo com serenidade e elegância, com ponderação e equilíbrio, tantas são as suas inverdades de efeito calunioso. Mas, não se preocupe o leitor, saberemos nestes escritos manter a calma e a continência verbal, deixando de enveredar pelo caminho do adversário gratuito e até lhe perdoadando as ofensas.

Para destruímos as construções teóricas quevedianas é suficiente mostrarmos a pobreza dos argumentos nelas contidos. Vejamos, por exemplo, o que consta da página 39/40 do Volume 1 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?. Leiamos com a máxima atenção:

"Suponhamos autêntica a melhor fantasmogênese com Eusápia, Palladino, a melhor controlada, perante cinco observadores.

"Pouca luz: uma vela colocada em outra sala, porta entreaberta. Entre as cortinas, entre as quais estava Eusápia, mostra-se repetidas vezes, rapidamente, o busto de uma mulher. Beija e abraça Evaristo Testa carinhosamente. Com dificuldade consegue responder a Evaristo: "Sou tua mãe, meu filho" Não consegue mostrar-se bem visivelmente. Nem o próprio Evaristo Testa, nem Bozzano e Avelino conseguem distinguir o rosto do fantasma. Fuggioni e Pastorino, porém, melhor colocados com respeito à escassa luminosidade, declaram que conseguem distingui-lo suficientemente. Suas descrições posteriores coincidem. Evaristo Testa ficou convencido de que descreviam o rosto de sua mãe. "Impossível objetam os amigos, trata-se de uma mulher muito jovem". "Com efeito, responde Evaristo, minha mãe morreu com somente vinte anos' Nem Eusápia nem os outros membros do "Círculo Científico Minerva' espírita, de Gênova, o sabiam. No dia seguinte, Evaristo Testa juntou uma fotografia da sua mãe com outras fotografias de moças da mesma época. Fuggioni com facilidade identificou a fotografia da mãe de Testa como a do fantasma que vira. Importante, além do mais, porque a mãe pouco ou nada se parecia com Testa, entre as fotografias estava a de uma tia que muito se parecia com ele.

Suponhamos que a dificuldade em se fazer o fantasma plenamente visível não se devesse às lógicas precauções da fraude. Tal dificuldade, como "os esforços inauditos para conseguir articular palavras"— expressamente nas atas — demonstram que tais fenômenos físicos são, às expensas do médium, forças latentes do próprio médium, não do além."

Apreciemos a dedução quevediana tendo em vista os dados descritivos do fenômeno.

Primeiro a hipótese da fraude. Ora, se nem a médium nem qualquer um dos participantes da sessão sabia que a mãe de Evaristo Testa havia desencarnado aos vinte anos, por que não deixariam de simular a sua aparição como uma mulher um tanto idosa, aparentemente mãe de pessoa adulta?

Depois a hipótese de uma ideoplastia resultante de "forças latentes do próprio médium, não do além". Acontece que não foi Eusápia Palladino, a médium, e sim duas outras pessoas, que distinguiram com nitidez o fantasma e escutaram ele afirmar ser a mãe de Evaristo Testa. Uma delas, em razão disso, depois identificou a mãe de Evaristo Testa, que não se parecia com ele, em uma foto na qual estava, afora outras moças da época, uma tia que se parecia bastante com o mesmo.

Considerações como estas não valem nada para o nosso oponente. Como frisamos

linhas atrás, ele ataca sistematicamente todos os fenômenos mediúnicos, sejam ou não convincentes, se necessário sem pudores éticos, fazendo-lhes retrições que vão da injúria ao deboche. Eis a prova disso:

No livro retrocitado, à página 166, declara que *"Eusápia era e demonstrou sempre ser habilíssima trucadora"*. Na página 60, escreve:

"Em Parapsicologia inverteu-se o aforisma de Bozzano e dos espíritas. Precisamente quanto mais difícil o fenômeno, mais motivo para atribuí-lo ao vivo. Assim surgiu aquele ditado irônico com referência à pergunta inicial nas sessões espíritas de "mesa branca" (kardecistas). "Se está aqui algum espírito, que bata duas vezes; se não está, que bata cinco"..."

Engraçado.

Sem dúvida, muito engraçado.

Mas o padre Quevedo, com todo o seu talento histriônico, ou melhor, sarcástico, que não assenta bem a um homem de formação sacerdotal (já não dizemos nem científica), vai aprender doravante algumas lições de seriedade.

Não perde por esperar!

[\(voltar\)](#)

Padre Quevedo e as Crianças

Prosseguimos enfocando, com a lanterna do bom senso, os dislates e disparates do Volume 1 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?. Eles são gritantemente ilógicos, tão eivados de fanatismo religioso, embora simulem intenções científicas, que chegam até a se tornar risíveis.

Aliás, deixando-se trair pelo inconsciente que tanto exalta, nas páginas 106/107 o padre Quevedo confirma o que denunciemos no texto anterior, ou seja, a sua tática de denegrir os fenômenos mediúnicos não é para servir à Ciência Para-psicológica, e sim para atingir a Doutrina Espírita, contrária filosoficamente à fé católica.

Escreve ele:

"Os espíritas, de acordo com sua doutrina, não podem negar que possa haver comunicações com «espíritos superiores» como seriam Jesus Cristo, Nossa Senhora, outros santos e o próprio Deus! (que não é espírito de morto!)... E não o negam. São mais numerosas, durante mais séculos, mais unânimes de conteúdo do que as comunicações espiritóides. E não se atreveriam a qualificar como médiuns inferiores os grandes místicos católicos. E não os qualificam. Portanto estão forçados, se tivessem um mínimo de lógica, a aceitar a doutrina católica e rejeitar e destruir assim a doutrina espírita, em muitíssimos pontos, completamente diferente e até oposta..."

Aí está a queixa de certo modo aceitável do zeloso padre Quevedo. O problema é que ele não assume a sua condição de jesuíta e fica posando para o público de cientista. Deixemos, contudo, isso de lado, porque há coisas mais importantes no livro de sua lavra sob exame. Insinuar, por exemplo, que *"98% — ou mais — dos fenômenos parafísicos em sessões de espiritismo são fraudes"* afigura-se brincadeira irresponsável. Quevedo faz isto (página 89) não com base em qualquer estatística confiável e sim arrimando-se, em primeiro lugar, no parecer de um colega de batina, o Pe. Herédia, que se celebrou dando espetáculos teatrais em Nova York com o fim de revelar supostos truques de médiuns.

Quevedo também cita Paul Heuzé (páginas 160, 162 etc.) em abono de suas invencionices, quando todos os estudiosos da Metapsíquica bem informados sabem que Heuzé foi publicamente desmascarado por adular depoimentos de eméritos cientistas em um inquérito sobre fenômenos paranormais que realizou. No sexto escrito desta série já abordamos o assunto, ficando claro que Paul Heuzé foi desmentido não só por pesquisadores espíritas, como Flammarion e Geley, mas ainda por experimentadores radicalmente anti espíritas, como René Sudre.

Quevedo chega ao despautério de sugerir que Gabriel Delanne endossava raciocínios como os seus (páginas 62/63), quando ninguém ignora o ardor que esse notável engenheiro e pensador francês, autor de oito livros, falecido em 1926, sempre demonstrou na defesa dos fatos e princípios da nossa crença, divulgando-os desde a juventude até à velhice avançada em que, vitimado pela cegueira, ainda participava entusiasticamente de congressos espíritas, aliás com extrema fidelidade ao pensamento de Allan Kardec.

Porém esqueçamos estas miudezas quevedianas ridículas para focar, com uma lanterna que não é mágica mas é suficientemente poderosa diante de sofismas, dois casos interessantes de manifestações de Espíritos que o Volume 1 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO? tenta pôr na lata do lixo. Eles são reproduzidos nas páginas 104/105 e 124/125.

No primeiro temos o seguinte:

Em derredor de uma menina de dez anos, chamada Florrie, filha de um advogado, em Kingstown, escutava-se inexplicáveis ruídos. No começo os pais admitiram que tudo podia decorrer de artimanha de Florrie, depois

"a professora de música afirmava que o piano, em frequentes ocasiões, dava fortes estalos quando a menina o dedilhava. Convencidos de que o truque era impossível, chamaram o professor Barret, em cuja cultura confiavam".

Perante Barret ("dr. William Barret, Membro da Sociedade Real"), a plena luz, "ouviram-se umas arranhaduras na madeira da mesa e das cadeiras. Depois, marteladas no assoalho. As pancadas tornaram-se mais fortes sempre que ensaiavam uma canção alegre. As pancadas acompanhavam engraçada mente o ritmo, e o mesmo as arranhadelas na madeira, com som semelhante ao de um violoncelo.

"Entabulavam diálogo com as tiptologias. Iam pronunciando pausadamente as letras do alfabeto. Uma pancadela precisa ia marcando as letras necessárias para formar as palavras das respostas. Barret repetidas vezes colocou o ouvido nos locais de onde procediam as tiptologias e percebia nitidamente as vibrações rítmicas no interior da madeira. Às vezes, as pancadas se deslocavam apedido. Um dia Barret pediu que batessem bem perto dele, entre suas mãos postas acima e embaixo do tampo do velador. Foi atendido, e experimentou nitidamente a vibração das pancadas entre suas mãos.

"Barret experimentava umas vezes ficando só com E/orne, outras vezes na presença também dos pais, outras vezes pedia a colaboração de outras pessoas. Os fenômenos não eram afetados sistematicamente pelo número de pessoas — a única presença imprescindível era a de Flornie. Assim Barret viu ruir plenamente sua teoria da alucinação."

E tem mais:

O dr. Barret fez a pergunta nas suas experiências, as pancadas responderam, em várias sessões, que era um rapaz chamado Walter Hassey A sra. C. informou que, às vezes, quando ia dar boa noite à sua filha, surpreendia-a conversando com seu amigo, que respondia por pancadas."

O sapientíssimo Quevedo dá sua opinião a respeito do caso.

Ei-la:

"Esse tipo de diálogo por pancadas, assim como outros métodos parecidos, é clássico do espiritismo. O fenômeno físico é realizado pela energia física dos vivos."

Quanto ao Espírito comunicante, Walter Hassey, o grande parapsicólogo de crucifixo lavra a sua sentença com a maior naturalidade:

"A análise dos fatos mostrou ser verdadeira a lógica suspeita de que Walter Hassey fosse simplesmente a personificação do inconsciente de Florrie..."

Como o inconsciente de Florrie, que tinha a idade de dez anos, poderia na lógica quevediana já se encontrar muito enriquecido de informações, vejamos agora o outro caso, ocorrido com uma criança de apenas TRÊS anos, junto da qual

"Desapareciam constantemente pequenos objetos. Os pais, intrigados, perguntaram à menina e esta, sem se intimidar respondeu que sua amiguinha Júlia os tinha levado."

O padre Quevedo diz que

"Nada há de extraordinário que uma criança de poucos anos converse e inclusive veja seus amigos imaginários (imagens eidéticas)" — explica.

Continua, porém, o relato:

"Os pais pediram: "É melhor que você diga a Júlia que queremos tudo aquilo de volta". Para grande surpresa deles, os objetos começaram a reaparecer."

"Foi completamente inútil a estrita vigilância dos pais sobre a filhinha. Da mesma maneira que os objetos desapareceram, apareceram da maneira mais misteriosa, todos, um a um. Mas a estranheza chegou ao máximo com o pêndulo do relógio: sumiu. Júlia (!?) dizia que não podia devolvê-lo "agora". E essa resposta foi sendo repetida por seis meses. De repente apareceu. Como uma criança de três anos poderia tirar e repor o pêndulo do alto relógio de parede ? Nem mesmo os pais poderiam fazê-lo sem alguma habilidade e subindo numa escada para alcançar o encaixe."

"O pai, farmacêutico, tinha observado e dirigido a vigilância, e anotara meticulosamente o desaparecimento e reaparecimento de cada objeto."

A esta altura do relato Quevedo faz outra observação nestes termos:

"Não conhecendo o aporte para-psicológico, parecia-lhes impossível que fosse a menina. Como suspeitar de si mesmos?"

E o relato é assim complementado:

Ninguém mais frequentava a casa, e certamente não em aquelas ocasiões. Consultaram médicos, policiais... E por fim ao espírita Boddington, que se esforçou por convencer os pais, de que a menina era médium e vítima do espírito desencarnado de Júlia.

Quevedo também complementa suas observações sobre o caso desta forma:

"Com bom senso, os pais não aceitaram a interpretação espírita. Aceitaram que fosse a menina 'misteriosamente' sem culpa e por isso sem castigo. Júlia seria 'ainda mais um mistério' "Júlia era manifestamente a prosopopeia das lógicas ambições da criança, raivosinha, vingativa e renitente à obediência. A menina predizia com exatidão os desaparecimentos e reaparecimentos."

Eis aí, estimado leitor, em transcrição fiel, minuciosa, como pensa e escreve o padre Quevedo. Desse jeito ele ficará na História da Parapsicologia Moderna como um autor genial, épico, apoteótico, emblemático... O mais superficial, senão divertido, de quantos já subestimaram a inteligência dos leitores, na esperança vã de poder desacreditar o Espiritismo.

[\(voltar\)](#)

O Quevedo Contraditório

Haveria ainda muito o que comentarmos no Volume 1 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, mas infelizmente precisamos pôr em pauta diversos outros livros do padre Quevedo, onde pululam tolices e inverdades maiores do que aquelas das quais até aqui nos ocupamos, constrangidamente.

Desprezemos, pois, no referido volume, coisas assim:

"Inclusive, Bozzano destaca a ligação 'trágica' em 207 casos! Não conheço — porque não há — em toda a casuística para-psicológica..." (página 78).

Esta demonstração de vaidoso radicalismo não só surpreende, espanta, pela falta de senso crítico. Nenhum autor que tenha um mínimo de sensatez declara, em matéria científica, que algo não existe simplesmente porque ele desconhece. Quem pode já ter lido todos os relatórios e registros de fatos para-psicológicos existentes em milhares de bibliotecas espalhadas por numerosos países???

Olvidemos as demais exhibições de egocentrismo do padre Quevedo que tornam quase cômico o Volume 1 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?. E passemos para o Volume 2. Neste não é menor a fartura de impropriedades conceituais, de flagrantes incoerências, de raciocínios maquiavélicos e de acusações levianas a médiuns e pesquisadores simpáticos aos fenômenos espíritas. Vejamos os absurdos mais salientes, mais deploráveis, colocando de lado picuinhas maldosas como a da página 24 (a brochura HISTÓRIA DE JOANA D'ARC DITADA POR ELA MESMA não foi publicada "sob a direção de Allan Kardec", embora o codificador do Espiritismo tenha tomado conhecimento do seu teor antes da edição), e da página 65 (Zêus Wantuil sempre foi assessor da Federação Espírita Brasileira, nunca "diretor"). Entremos logo naquilo que é relevante.

Nas páginas 57/58 o padre Quevedo escreve:

"Um dos mestres, precursores ou fundadores do espiritismo moderno, Stainton Moses, num livro que alcançou mais ele uma centena de edições entre os espíritas, afirma a respeito das entidades que se manifestam em toda parte, em todos os centros:

"Muitas dessas entidades são seres maléficis nos seus gostos e impuros nos seus costumes, que estão reunidos em bandos sob o comando da inteligência mais maléfica, para causar dano, para obstacular nossa obra."

"No espiritismo, como vimos, não são bons os espíritos que se manifestam. Também não são conjuntamente espíritos bons e maus."

Note-se a refinada má-fé da transcrição que reproduz apenas um curtíssimo fragmento do texto de Stainton Moses, e a conclusão desonesta. Moses não afirma que TODAS as Entidades manifestantes nas sessões espíritas são "seres maléficis", diz unicamente que MUITAS delas o são. Se outras deixam de ser, logicamente são *Espíritos bons*.

Continuemos nossa análise fria e desapaixorada.

Depois de classificar os espíritas como panteístas o padre Quevedo chega ao desvario de asseverar que Allan Kardec nega a Divina Providência (páginas 86/87). Ora, todo mundo sabe que a doutrina codificada por Kardec começa com O LIVRO DOS ESPÍRITOS, onde, no capítulo primeiro, o panteísmo é criticado de forma direta, e onde são atribuídas a DEUS todas as perfeições, situando-O como Senhor da Vida e dos destinos humanos.

Quevedo, nesse Volume 2, misturando fantasiosas lucubrações pretensamente científicas com devaneios de religiosismo dogmático, acaba se perturbando, como não poderia deixar de acontecer. Tanto assim que no intuito de exaltar os católicos, somente consegue também ofendê-los quando, esforçando-se para parecer imparcial, atinge com sua metralhadora giratória figuras veneradas pela Igreja Romana. Eis uma frase da página 186:

"Não se está a discutir a santidade. Mas que Ana Catarina Emmerich era histórica em alto grau é indiscutível."

Na página 212 Quevedo passa a ideia de que as decantadas visões de Sta. Tereza eram projeções alucinatórias e a página 313 ele começa deste modo:

"CONFIRMAÇÃO TEOLÓGICA?

"O QUE O SANTO NÃO PODIA ENTENDER

"Dá um misto de pena e compreensão ver hoje a situação a que chegava uma inteligência tão prodigiosa como a de Sto. Agostinho."

Alguns trechos do Volume 2 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO? são para nós, espíritas, deliciosamente estranhos ou estranhamente deliciosos. Pela página 63 ficamos sabendo que

"uma alta autoridade da Igreja. modelo de piedade e amor a Deus, hoje com causa de beatificação introduzida", durante um "delírio prévio à morte" pronunciou em presença de testemunhas "horríveis blasfêmias" (Não teriam sido essas horríveis blasfêmias verdades espíritas e o delírio prévio à morte um despertar de consciência?). Parece que basta este exemplo para ilustrar a confusão mental quevediana.

Perdido na teia das suas vexatórias contradições o padre Quevedo busca salvar a pele do jeito habitual, atacando o codificador do Espiritismo nestes delirantes termos, à página 104:

"Resta-nos só admirar a petulância de Allan Kardec que considera todas essas almas santas e sábias "espíritos inferiores" por não revelarem a doutrina espírita, antes, pelo contrário, serem constantes e unânimes em todas as épocas, em todas as nações, em confirmar toda a doutrina católica e cada uma das suas partes. Pelo mesmo motivo, Kardec considera "médiuns frívolos" todos os videntes e místicos católicos da história!"

Ora, qualquer pessoa que tenha folheado o conjunto de livros de Allan Kardec não ignora que tais afirmações de Quevedo constituem uma deslavada mentira, além de mostrarem mais uma contradição do nosso oponente, pois, conforme vimos no texto anterior, nas páginas 106/107 do Volume 1 do seu Tratado, ele informa que não qualificamos como médiuns inferiores os grandes místicos católicos. Kardec sempre expressou o maior respeito pelos vultos exponenciais da Igreja Católica e jamais os considerou *"médiuns frívolos"*. Aliás, não poderia fazê-lo porque frívolos são os médiuns espíritas autênticos e constantes mas moralmente irresponsáveis.

Julgando Allan Kardec de maneira tão injusta o jesuíta Oscar Gonzalez-Quevedo lembra a lúcida sentença popular que diz:

O bom julgador por si julga os outros!...

[\(voltar\)](#)

A Sopa Quente do Padre Quevedo

Os leitores que nos honram com a leitura destes escritos haverão de ter notado, neles, a ausência de citações de obras clássicas na História do Psiquismo favoráveis aos fenômenos mediúnicos.

Já estamos nos aproximando do vigésimo texto e permanecemos argumentando somente em cima das alegações descabidas do padre Quevedo. Isto é proposital e tecnicamente corretíssimo: primeiro convém destruímos as armas do adversário, e nada melhor para tal empreendimento do que as suas próprias palavras; depois, talvez, será a hora de utilizarmos a munição do nosso arsenal, cujo poder de fogo é simplesmente arrasador de todas as trincheiras que se erguem com o objetivo inglório e vão de atacar o Espiritismo.

Tenham pois calma os amigos familiarizados com a opulenta literatura científica que depõe em prol dos fatos supranormais, comprovadores da validade da crença kardequiana. Impõe-se-nos, como já salientamos em um texto anterior, tomar a sopa quente do padre Quevedo com sabedoria estratégica, ingerindo-a, como o fazem os políticos experientes, pela beira do prato; quando ele estiver vazio, então se for necessário o devolveremos com ossos duros de roer, capazes de reduzir a farelo os supostamente fortes e afiados dentes do jesuíta espanhol que tanto rastreia a mediunidade, procurando nela *calcanhares de Aquiles* para morder. Faminto de notoriedade, ele saiu há uns quarenta anos da jaula de seu fideísmo dogmático e pôs-se a rugir contra nós, mas, seguramente, não passa de um tigre de papel. Provaremos isso não apenas sem medo, mas ainda sem pressa, a fim de não deixar pedra sobre pedra em sua construção teórica. Já lhe comunicamos que não perde por esperar.

No presente escrito vamos nos limitar ao exame de um único caso exposto no Volume 2 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, porque o mesmo é rico em detalhes e enseja valiosa conclusão. Está nas páginas 104/106. Ei-lo:

"Após a morte e as funções exequiais do falecido Pio XI em 19 de fevereiro

de 1939, o cardeal Eugênio Pacelli comunicou ao Colégio de Cardeais que era urgentíssima a escolha do novo papa, dadas as muitas perigosas circunstâncias da política e diplomacia internacionais. E foi para o seu escritório. Era noite. O silêncio, absoluto. O cardeal Pacelli estava esgotado pela trabalho e pela preocupação. De repente viu surgir diante de si e reconheceu imediatamente a figura do papa S. Pio X Estava vestido todo de branco e como envolto numa auréola de luz.

"O cardeal Pacelli apenas pronunciou, reverente, a palavra : "Santidade!"

"Sim, sou eu, meu filho abençoado. O Onipotente concedeu-me a graça de falar-te. Em algum dias mais tu serás o novo Vigário de Jesus Cristo. Acontecimentos espantosos sacudirão o mundo durante teu pontificado. Sê forte para reger o timão da Igreja. O Onipotente te assistirá e eu velarei por ti. Teu coração suportará tantas lutas e tantas destruições como, por demais, o meu não conseguiu suportar. Tu protegerás a humanidade da espantosa tormenta que está para se abater sobre ela. Deus te abençoe, meu filho."

"E a branca figura se desvaneceu. No dia seguinte, 20 de fevereiro, o cardeal Pacelli era eleito pontífice já no primeiro escrutínio e adotava o nome de Pio XII"

Aí está o fato.

Agora vejamos a explicação do padre Quevedo. Apraz-nos reproduzi-la no seu inteiro teor para que ele não possa nos acusar do mesmo delito que comete sistematicamente, mutilando o pensamento dos autores citados. Segue, portanto, a explicação quevediana na íntegra:

"Várias revelações (?) próprias da doutrina católica: 1) a comunicação dos mortos seria uma graça especial e pelo exclusivo poder de Deus, um milagre, e por isso mesmo essencialmente incompatível com a frequência rotineira das pretensas manifestações pelo poder dos espíritos. 2) O papa é o vigário de Jesus Cristo. 3) Em nome e com a autoridade d'Ele rege o timão da Igreja, barca de Pedro. 4) O Onipotente assiste, Ele é a Divina Providência e não os espíritos guias. 5) Os santos, o próprio S. Pio X, interceder por meio da oração junto ao Onipotente, pedindo que abençoe os fiéis. Por tudo isso, segundo Allan Kardec, o espírito nada menos que de S.Pio X, inundado de luz, não seria um "espírito de luz". E Pio XII seria um médium frívolo!

(Abrimos aqui este parênteses para salientar que as pequenas falhas de concordância, inclusive o sinal interrogativo depois da palavra "revelações", são do texto mal revisado do padre Quevedo que estamos transcrevendo sem alterar uma vírgula sequer. Prossigamos com o mesmo critério.)

"Com esses comentários não estou defendendo a realidade do milagre daquela visão e revelação. Na realidade o cansaço e a preocupação do cardeal Pacelli são suficientes para explicá-las. A descrição da situação tétrica por vir era precisamente o que o cardeal Pacelli acabava de expor aos cardeais.

"Que o próprio Pacelli seria eleito papa provavelmente nem precognição parapsicológica foi: era uma probabilidade; talvez uma esperança do cardeal. Por haver falado aos cardeais sobre a situação do mundo, sem dúvida, somou muitos pontos para a eleição.

"Em todo caso, o que poderia ser uma corriqueira precognição não manifestou-se sem erro. Pio XI não foi eleito 'alguns dias depois' ('Fra qualche giorno'), senão poucas horas depois. Seria absurdo atribuir o erro a Pio X, que teria sido enviado pelo Onipotente!"

Aqui termina o arrazoado explicativo do padre Quevedo com uma referência equivocada a Pio XI em lugar de Pio XII além de variados senões estilísticos, prejudiciais a clareza das ideias. Perdoe-nos o leitor de bom gosto literário a transcrição necessariamente tão respeitosa, integral e fiel do texto quevediano. Apreciando o conteúdo das alegações verificamos o seguinte:

a) Quando um morto aparece em sessão espírita com certeza absoluta é fraude, alucinação, fantasmogênese ou prosopopeia. Se, porém, o fenômeno ocorre no ambiente da alta hierarquia católica, isto pode se dar por *"uma graça especial e pelo exclusivo poder de Deus, um milagre"*.

b) Os papas, por serem vigários do Cristo, possuem autorização do Onipotente para se manifestarem depois de mortos dando avisos e oferecendo bons conselhos aos habitantes deste mundo. A não ser eles, nenhum outro Espírito santificado na prática do amor ao próximo e seguidor dos ensinamentos de Jesus detém tal privilégio.

c) Deixando-se de lado a exclusividade papalina para os fenômenos mediúnicos autênticos e aceitáveis, quando a aparição de um Espírito acontece de tal forma que ninguém pode negar, o testemunho de quem vê deve ser colocado sob suspeita porque *"o cansaço e a preocupação são suficientes para explicá-la."*

Esta é a tese substancial do padre Quevedo. O resto se resume em filigranas verbais astuciosas que ele, com supina esperteza, arquiteta para desviar a atenção do problema impossível de ser solucionado pela sua parapsicologia primária. O pressuposto de que Pacelli somou muitos pontos para ser eleito papa *"Por haver falado aos cardeais sobre a situação do mundo"* é de uma infantilidade clamorosa: ninguém ignora como é complicada uma eleição de Papa, como depende de múltiplos fatores ideológicos, como é sempre sujeita a um intrincado jogo de circunstâncias e interesses. A tentativa de desqualificar o peso e o valor do aviso profético do Espírito comunicante, no caso Pio X., sob o pretexto de que a eleição de Pacelli concretizou-se em tempo menor do que o previsto, igualmente é de uma ingenuidade monumental, porque a diferença de dias para horas mostra-se irrelevante no caso, posto que o núcleo central do aviso profético se relaciona com *acontecimentos espantosos prestes a sacudir o mundo* em fevereiro de 1939, capazes de provocar *tantas destruições*. Por ignorância ou má-fé Quevedo deixa de levar em conta que, meses depois, em de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia, fazendo estourar a Segunda Guerra Mundial que haveria de se desdobrar durante o pontificado do cardeal Pacelli qual uma *tormenta*, tudo conforme anunciou o Espírito.

Ficamos por aqui, na convicção de que a sopa quente do padre Quevedo acabará esfriando...

[\(voltar\)](#)

Sopro sobre a Sopa de Quevedo

Começemos agora a analisar o Volume 3 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO? que, semelhantemente aos outros agasalha injustas indelicadezas contra os pensadores espíritas de elevado conceito público, grosseiras infâmias contra médiuns importantes, juízos de valor depreciativos contra homens de ciência respeitáveis, neutros em questões filosóficas, e até comentários pouco lisonjeiros a vultos proeminentes da Igreja Romana que, sendo lúcidos e ponderados, nunca rezaram pelo catecismo quevediano.

Nas páginas 55 e 56 o distinto dr. Hernani Guimarães Andrade é dado como um pesquisador em cujas *"publicações"*, *"todas"*, *"a interpretação não é científica"*, e mais ainda: o padre Quevedo, não se contentando em atribuir ao dr. Hernani *"ilogicidade"*, classifica-o como *"tendencioso propagandista espírita"*. Ernesto Bozzano, um dos mais insignes estudiosos da Metapsíquica e da Parapsicologia, só porque admitiu a autenticidade dos fenômenos mediúnicos é adjetivado de *"impagável"* (página 69).

Quevedo é assim. Quando cita um autor simpático às teses do Espiritismo sempre o trata de forma descortês, e quando menciona um autor eclesiástico sempre o faz de maneira elogiosa, às vezes exagerando na exaltação — no Volume 2 do seu Tratado, à página 72,

refere-se ao padre jesuíta Herber Thurston chamando-o de "*maravilhoso parapsicólogo*".

Com esses dois pesos, e essas duas medidas, a balança empenada e o metro torto do nosso figadal inimigo lembra a frase célebre de Voltaire:

— *O fanatismo é a única coisa que tem produzido mais males do que o ateísmo.*"

É com tamanha parcialidade que Oscar Gonzalez-Quevedo se aventura no Volume 3 do Tratado em foco a desmerecer os grandes nomes da história da causa espírita. Vejamos em dois ou três escritos (estamos dedicando apenas dois textos a cada um dos seus volumes porque são muitos, mais de uma dúzia conforme já assinalamos) como ele age.

No Capítulo 16 ensaia uma crítica ferina a Oliver Lodge que depois de morto lhe deu convincentes comunicações, relatadas na obra). Gasta para isso Quevedo tinta e papel da página 29 à 43, onde sua conclusão se completa com o seguinte parágrafo:

"A identificação de Raymond, a mais famosa na época da metapsíquica, a mais importante, segundo muitos espíritas modernos, é só manifestação da mentalidade alienada pela superstição (parafrenia: loucura centrada num tema)."

Quem lê esta invectiva e desconhece tanto a vida de Oliver Lodge quanto o conteúdo do livro *Raymond*, acredita que tal autor era um sujeito desequilibrado para não dizer maluco, e tal obra se mostra indigna do menor apreço.

Acontece que Oliver Lodge, diferentemente do padre Quevedo, tem invejável reputação nos meios científicos e culturais. O prestigioso dicionário LELLO UNIVERSAL registra em um verbete o seu nome consagrado pelo saber acadêmico, identificando-o como "*físico inglês autor de investigações sobre electrólise, os iões, a T.S.F.*"

Oliver Lodge, falecido em 1940 e não em 1943 consoante informa erradamente o padre Quevedo (página 42), nasceu em 1851 em uma cidade do interior da Inglaterra, onde foi *Sir!* Apesar da origem humilde subiu às culminâncias da glória intelectual e portanto não pode ter sido vitimado por superstições. Em sua biografia consta que no ano de 1898 ele foi agraciado com a "Medalha Rumford", da *Royal Society*. Consta que criou sistemas telegráficos usados pelo exército inglês e pelo governo da Índia. Consta que em 1913 foi eleito Presidente da *British Association*. Consta que em 1920 recebeu grandes homenagens ao se aposentar como Reitor da Universidade de Birmingham. Consta, finalmente, que foi um dos presidentes da famosa *Sociedade para Pesquisas Psíquicas*, de Londres.

Eis aí o homem que o sacerdote Quevedo pinta como alienado por credices.

Quanto ao detalhe referente à comunicação *post-mortem* de Raymond, que o nosso parapsicólogo de crucifixo pretende não ter sido satisfatoriamente identificado, perguntamos:

Quem melhor do que um pai tão cientificamente esclarecido pode julgar se é verdadeiro ou falso o fenômeno mediúnico pelo qual um Espírito declara ser seu filho?

Eis um trecho do Capítulo final do livro *Raymond*, de Oliver Lodge, pinçado da página 228 na tradução que Monteiro Lobato fez e foi editada em 1939 pela *Sociedade Metapsíquica de São Paula*:

"Agora, porém, se vamos, eu ou algum membro da minha família, a um médium, sem lhe darmos o menor sinal da nossa identidade, meu filho logo se apresenta e prossegue em sua clara e convincente série de demonstrações evidenciais; às vezes dando testemunho de alto espírito crítico; às vezes contentando-se com palestras familiares ou reminiscências; mas sempre agindo de maneira coerente com a sua personalidade e os seus estados d'alma. Se num caso especial o médium mostra fraqueza, ou se advêm dificuldades de qualquer ordem, Raymond observa o fato, e a ele se refere em qualquer outra oportunidade, através de um médium diferente. Em todas os casos mostra-se ansioso na produção de provas convincentes. E também revela o desejo de que não fique guarda do comigo o que diz. Eis o motivo da publicação desta obra."

Fiquemos por aqui. Este é só mais um sopro sobre a sopa quente do padre Quevedo, que começa a esfriar...

[\(voltar\)](#)

Os Alhos e Bugalhos da Sopa de Quevedo

Continuamos na análise lógica do Volume 3 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, do padre Quevedo, que já definimos como um prato de sopa quente fervida com o propósito de queimar a língua de quem fala a favor dos fenômenos mediúnicos e da doutrina codificada por Allan Kardec.

O tempero de tal sopa que estamos esfriando e ingerindo pela beira do prato mistura alhos com bugalhos, tendo em vista a intoxicação de qualquer estômago saudável. O indigesto Volume 3 ora sendo por nós engolido, por exemplo, tanto promove a fritura das irmãs Fox, dadas como *'fundadoras do espiritismo moderno'* (página 109), quanto assa em fogo brando *"João Bosco, fundador da Congregação Salesiana"* (página 157/159).

Ocupemo-nos destes dois feitos culinários quevedianos, pondo logo à mesa para o apetite dos leitores o menos apimentado, de Dom Bosco, e deixando para o próximo escrito o referente às irmãs Fox, que por serem consideradas pioneiras da fenomenologia do *"espiritismo moderno"* não poderiam ficar de fora do fogão à lenha de nosso renitente adversário.

O episódio de Dom Bosco, *"contado pelo próprio santo e confirmado por tantas testemunhas"* (página 157), cujo *"valor histórico é absolutamente indubitável"* (mesma página), foi o seguinte: quando ele era estudante de Teologia fez um pacto com um amigo e companheiro, Luigi Comollo, mediante o qual o primeiro a morrer voltaria para informar o outro se no além havia encontrado a salvação; Comollo desencarnou antes e cumpriu a promessa de maneira retumbante. Ei-la, segundo as palavras de Dom Bosco transcritas na página 158 do livro de Quevedo:

"Eu não dormia. Pensava em nosso pacto e esperava, cheio de grande inquietude, o que poderia acontecer. Quando soaram as doze badaladas da noite, ouviu-se um rumor surda, avançando do fundo da corredor, fazendo-se mais e mais forte. Como se fosse uma carruagem puxada por muitos cavalos, ou um trem, comparável aos disparos de artilharia: não saberia com que comparar tal fragor que nos deixava mudas de espanto. Tremiam as paredes, a abóbada, o chão. Como se tudo fosse construído de chapas de ferro a ressoar, golpeadas por braço potentíssimo. Os seminaristas, mudos; eu, petrificado de pavor"(...)

"Os companheiros pularam das camas e fugiram desatinadamente. Uns agruparam-se num canto do dormitório; outros, ao redor do (padre) encarregado, Pe. João Florito, de Rivoli. Todos ouviram o ruído (...).

"Abriu-se violentamente a porta do dormitório. Viu-se apenas um fulgor pálido, que parecia regulada pelo rumor. Depois, repentino silêncio. A luz brilha

mais. E ouço a voz de Comollo: 'Bosco, salvei-me' diz três vezes (...)."

Aí está, sem tirar nem pôr, o trecho mais significativo da página 158 do Tomo de Quevedo, fielmente reproduzido até nos parênteses com reticências. Apreciemos agora como ele conclui o seu parecer sobre o caso na página seguinte, 159 :

"Com efeito grande parte dos fenômenos foi alucinação unicamente de dom Bosco. Os fenômenos foram muito mais internos do que externos. Expressamente se diz que muitos ouviram a voz: portanto, não todos. E ninguém entendeu a voz, só dom Bosco. Se as telecinesias houvessem sido tão fortes e feito vibrar potentíssimas paredes, abóbada, chão... certamente apareceriam depois rachaduras, e este detalhe ter-se-ia feito constar.

"O motivo da grave doença que o levou à beira do túmulo, e ficou tão mal de saúde por vários anos, foi o desgaste psíquico e físico na manifestação e na exteriorização exacerbada de seu inconsciente parapsicológico. Especialmente os fenômenos de efeitos físicos esgotam o organismo. Nenhum das companheiros, alguns sem dúvida bem timoratos, sentiu conseqüências.

"São João Bosco, lá do céu que me perdoe! A grave doença não foi por entrarem 'em contato as coisas naturais com as sobrenaturais'. Alguém como dom Bosco tão valente, exceto naquela ocasião, nunca experimentou medo, não haveria sido tão abalado em sua saúde precisamente quando mais jovem e mais forte. Cristo, Maria Santíssima, os apóstolos haveriam perecido pela intimidade com Deus! Não foi o contato com o sobrenatural — o espírito de Comollo — ,foi o próprio Bosco."

Observe-se como, no fim do seu julgamento do caso, Quevedo já não chama o colega de ofício de *São*, nem de *dom*, mas simplesmente de "*o próprio Bosco*". Antes expressara descontentamento, desabafando: "*São Bosco lá no céu que me perdoe!*"...

Sejamos bem humorados com o nosso inimigo espanhol: se radicalismo dogmático é virtude o santo é ele e não dom Bosco... E dentro desta atitude procedamos com justiça reconhecendo-lhe o *dom* da coerência: qualquer pessoa que seja alvo de uma comunicação mediúnicamente indiscutível, seja quem for, mesmo pertencendo ao alto clero, ele põe no espeto e torra na brasa... O seu negócio é fazer churrasco da nossa crença!...

Não precisamos chamar a atenção dos leitores para o fato de que resumindo o fenômeno, na última frase do seu parecer, como pura alucinação de dom Bosco, ou "*exteriorização exacerbada de seu inconsciente para-psicológico*" (se o fantasma houvesse feito a eloquente revelação em uma sessão espírita seria provavelmente fraude...), padre Quevedo, sempre astucioso, passa por cima do mais importante na ocorrência, o detalhe de que outras pessoas a testemunharam, inclusive um padre, João Florito, e seminaristas, os quais, talvez por serem bons católicos, "*pularam das camas e fugiram desatinadamente*"...

[\(voltar\)](#)

O Que vê o Quevedo

Já vimos o que o padre Quevedo vê no Espiritismo. Ele vê apenas fraude. Fora das nossas sessões às vezes enxerga fenômenos e não embustes, que tenta explicar sem a intervenção dos mortos, através da sua parapsicologia de rosário, mais materialista e menos criteriosa do que a parapsicologia dos ateus. Nas pesquisas que fazemos, no entanto, tudo para Quevedo é mentira, engodo, trapaça.

Como a construção teórica da Doutrina Espírita ergueu-se com a obra codificadora de Allan Kardec na França, a partir de 1857, de certo modo resultante de fatos mediúnicos ocorridos no ano de 1848 em Hydesville, na América do Norte, com duas meninas que ficaram

conhecidas por irmãs Fox (Margareth, de 14 anos, e Katerine ou Kate, de 11), fatos esses que rapidamente se espalharam pela Europa como se fossem “uma invasão organizada” pelo mundo espiritual a fim de chamar a atenção da Humanidade para uma nova revelação religiosa, Quevedo, desejando desmerecer o Espiritismo, tem de atacar tais médiuns e tais fatos. E não deixa por menos. No Volume 3 do seu Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, à página 74, sentencia:

“Os acontecimentos de Hydesville, as tiptologias das irmãs Fox, geralmente são consideradas como o nascimento da espiritismo. Parece certo que tudo começou por truques, brincadeiras das duas crianças, Margareth e Kathy, que a irmã mais velha, Leah, soube aproveitar arditosamente, fazendo jus a seu sobrenome Fox = raposa).”

Para começar, e não perder o costume, Quevedo respinga uma inverdade caluniosa neste apontamento. Segundo Arthur Conan Doyle (HISTÓRIA DO ESPIRITISMO, página 74, Editora Pensamento, São Paulo, 1º edição, sem ficha catalográfica indicando o ano), ao tempo em que “as manifestações atingiram tal ponto de intensidade que atraíram a atenção geral” Leah ensinava música em Rochester e só Margareth e Kate residiam com os pais. Logo, Leah não poderia se *aproveitar arditosamente* da situação.

Mas deixemos isso de lado, porque se não perdoarmos em Quevedo pequenos deslizes éticos precisaremos de uns dez anos para concluir a análise de todos os seus livros, nada menos do que quinze. Na página 110 do Volume 3 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, retornando ao assunto, ele acrescenta:

“Assim começou o espiritismo. Com a história que acabo de resumir, acerca da qual logo surgiram outras invencionices. É lamentável exibição de ilogicidade e do fanatismo em que costumam chafurdar, quando hipnotizados pela mentalidade espírita, até pessoas antes inteligentes e razoáveis”.

Só que o padre Quevedo resume a história do seu habitual jeito maquiavélico, omitindo dados relevantes e, na falta dos mesmos, tirando conclusões cavilosas para iludir os leitores.

Por exemplo:

Ele confere grande importância ao detalhe de que não teriam sido encontrados documentos comprovando a existência de Charles B. Rosma, o qual do Além declarou por mensagens tiptológicas, graças aos dotes mediúnicos das meninas Fox, ter sido assassinado e enterrado no porão daquela casa, em uma adega, mas despreza o detalhe de que, se o pai das meninas Fox não conseguiu encontrar o cadáver no local indicado, cinquenta e seis anos depois, naquele local, por mero acaso, nos escombros de uma parede derrubada, foi encontrado um esqueleto humano junto com um utensílio de mascate, e o Espírito Charles B. Rosma também dissera, em suas comunicações, ter exercido a profissão de mascate.

Há na obra de Conan Doyle, lida por Quevedo (e citada na página 109 do seu Tratado), detalhes de suma importância por ele omitidos velhacamente a fim de validar sua tese de que *“tudo começou por truques, brincadeiras das duas crianças, Margareth e Kathy”*. Senão vejamos, transcrevendo aqui alguns tópicos da referida obra.

Página 76:

“À medida que se espalhavam as notícias dessas maravilhas, os vizinhos chegavam em bandos, um dos quais levou as duas meninas, enquanto Mrs. Fox foi passar a noite em casa de Mrs. Redfield. Em sua ausência os fenômenos continuaram exatamente como antes, o que afasta de uma vez por todas aquelas hipóteses de estalos de dedos e de deslocamentos de joelhos, tão freqüentemente admitidas por pessoas’ ignorantes da verdade dos fatos.”

Página 77:

"Eis o depoimento de Mrs. Fox

"Na noite da primeira perturbação, todos nos levantamos, acendemos uma vela e procuramos pela casa inteira, enquanto o barulho continuava e era ouvido quase que no mesmo lugar. Conquanto não muito alto, produzia um certo movimento nas camas e cadeiras a ponto de notarmos quando deitadas. Era um movimento em trêmulo, mais que um abalo súbito. Podíamos perceber o abalo quando de pé no solo. Nessa noite continuou até que dormimos. Eu não dormi até quase meia noite. Os rumores eram ouvidos por quase toda a casa. Meu marido ficou à espera, fora da porta, enquanto eu me achava do lado de dentro, e as batidas vieram da lado da porta que estava entre nós. Ouvimos passos na copa, e descendo a escada; não podíamos repousar, aí concluí que a casa devia estar assombrada por um Espírito infeliz e sem repouso.

Acresce que as mensagens espirituais tiptológicas, atribuídas por Quevedo a *"brincadeiras das duas crianças"*, estavam muito acima da inteligência infantil. Eis um tópico da página 75:

"A mãe fez uma série de perguntas, cujas respostas, dadas em números, mostravam maior conhecimento dos seus próprios negócios do que ela mesmo o possuía, pois os arranhões insistiam em que ela tinha tido sete filhos, enquanto ela protestava que só tinha tido seis, até que veio à sua mente um que havia morrido em tenra idade."

Ainda tem mais: Quevedo se reporta na página 109 do seu Tratado à obra de Conan Doyle, HISTÓRIA DO ESPIRITISMO, para abordar o tema, mas esconde a informação de que há nela um apêndice que começa com este título:

PROVA DA ASSOMBRAÇÃO DA CASA DE HYDESVILLE ANTES DE SER HABITADA PELA FAMÍLIA FOX.

Tal apêndice reproduz depoimentos de pessoas que presenciaram os fenômenos antes de eles acontecerem por intermédio das faculdades supranormais das meninas Fox.

Quando residia na casa a família Bell, em 1844, ruídos estranhos ali se fizeram ouvir, como se alguém estivesse *"a andar de um quarto para o outro"*, fazendo o chefe da família *"levantar-se e trancar as janelas"* a rogo da esposa assustada.

A família Weekman, que lá morou de 1846 a 1847, também escutou singulares ruídos. Eis a declaração da Sra. Hannah Weekman no seu trecho mais expressivo:

"Ouvimos muito barulho durante a noite; dificilmente poderíamos dizer onde era produzido; por vezes parecia que alguém andasse na adega. Mas a casa era velha e pensamos que fossem estalos da madeira ou coisa semelhante.

"Algumas noites depois uma das nossas meninas, que dormia no quarto onde agora são ouvidas as batidas acordou-nos a todos soluçando. Meu marido, eu e a empregada nos levantamos imediatamente para ver o que se passava. Ela sentou-se na cama em pranto e nós custamos a ver ficar o que se passava. Disse ela que algo se movimentava acima de sua cabeça e que ela sentia um frio sem saber o que era. Disse havê-lo sentido sobre ela toda, mas que ficara mais alarmada ao senti-lo sobre o rosto."

Fica assim bastante evidente que, mesmo se conseguisse desmoralizar as irmãs Fox, Quevedo não lograria jogar lama na história nascente da moderna fenomenologia espírita. Mais adiante, em outro Volume do seu Tratado ora sob exame, ele voltará ao tema, buscando

atassalhar a honra das irmãs Fox já adultas para denegrir a nossa causa. Terá a devida resposta no momento oportuno. Por enquanto fiquemos por aqui porque o espaço deste escrito terminou, repetindo a respeito do padre Quevedo o que dizem os católicos em relação a determinados defuntos: que DEUS o tenha!...

[\(voltar\)](#)

Nós e Quevedo, Sinceramente

Decerto o leitor já percebeu que o nosso trabalho analítico da obra do padre Quevedo não enveredou até aqui pela erudição. É necessário que seja assim para não mordermos sua isca ardilosa, capaz de nos aprisionar em uma polêmica estéril e cansativa. Ademais — deixemos isto claro com a maior franqueza—, tudo o que o esperto sacerdote espanhol pretende é desmoralizar o Espiritismo, e tudo o que nós desejamos é evidenciar sua incompetência para tanto, em termos filosóficos e sobretudo científicos. Ele pensa que sofismando para demonstrar a inexistência de fenômenos mediúnicos verdadeiros estará demolindo definitivamente a nossa ideologia, e nós julgamos que ao revelar a pobreza dos seus argumentos falaciosos estamos conduzindo-o a um mato sem cachorro, onde não alcançará o menor êxito caçando ingênuos para enganar. Eis a situação. Dentro dela passemos agora a nos ocupar do Volume 4 de Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?

Para início de conversa, já que não mordemos a isca quevediana mostremos as suas principais minhocas, presas no anzol da referida brochura.

Página 27:

"Não existe médium — ou psíquico — que não fraude."

Esta ofensa, pelo extremo radicalismo da generalização, não nos atinge e sim anula todo respeito que alguém ainda possa ter pelo próprio padre Quevedo. Todo mundo sabe ser impossível que não haja um único médium de caráter íntegro.

Página 110:

"Junto ao discutível papel da Inquisição, é indiscutível o fator inibidor da cultura."

Que é indiscutível o poder inibitório da cultura ninguém nega. Mas que o papel da Inquisição nunca foi *discutível* e sempre foi *execrável*, só os padres jesuítas como Quevedo, responsáveis por ela, e talvez dela saudosos, têm a coragem, ou o deslante, de negar. A Inquisição, na Idade Média, torturou e queimou em praça pública milhões de inocentes cujo único crime foi o de ter ideias libertárias.

Página 146:

"E o mesmo fato se confirma pela biografia dos grandes médiuns. A grande mediunidade começou após grandes traumas..."

Esta é uma inverdade escandalosa. A biografia dos grandes médiuns comprova exatamente o contrário. Os quatro que o sagaz Quevedo consegue citar, *forçando a barra* come se diz (Eusápia Palladino, Heleonora Piper, Stephan Ossowiecki e Stanisława Tomczik), constituem uma minoria dentre dezenas de outros a quem em nenhuma ocasião os historiadores da ciência psíquica imputaram tal problema, como, por exemplo, Daniel Dunglas

Home, Florence Cook, os irmãos Davenport, Henry Slade, Mme. d'Esperance, William Egiton, Stainton Moses, Mrs. Osborne Leonard, Edward Irving, Andrew Jackson Davis, Frederica Hauffe, Eva Carrière, Madame Silbert, Kathleen Goligher, Marthe Béraud, Ladislas Lassio, Pasquale Erto, Ejner Nielsen, Stella C., Margery (Sra. Le Roi Goddard Crandon), Franek Kluski, Jean Gusik, Willy e Rudi Schneider, Angèlique Cottin e tantos outros superdotados.

Página 219/220:

"Por outro lado, Allan Kardec e muitos médiuns (no Brasil foi afirmado publicamente por Chico Xavier, por Divaldo Franco etc.) teriam absoluta facilidade de pôr-se em comunicação com qualquer espírito e receber deles qualquer revelação de que precisem."

Embora já estejamos acostumados com o jeito do padre Quevedo, esta sua assertiva mentirosa é tão surpreendente que nos deixa em perplexidade. Em que livro de Kardec ele leu tamanho absurdo, em que jornal, ou televisão, ou rádio, ele tomou conhecimento de tal afirmativa feita por Chico Xavier ou Divaldo Franco?

Convenhamos que essa invencione de Quevedo agride o mais elementar bom senso. Nunca um seguidor da Doutrina Espírita diria semelhante asneira, é evidente. Não existe sequer quem possua facilidade relativa para se comunicar *com qualquer Espírito*, quanto mais facilidade *absoluta...!*

É incrível como o padre Quevedo se desmanda em virulências primárias e ridículas na sua *guerra santa* contra o Espiritismo, cavando por si mesmo o buraco do descrédito em que afunda. Afinal de contas não é nenhum marinheiro de primeira viagem nas águas turvas onde pesca com a isca que no começo aludimos. Será que jamais lhe passou pela cabeça a possibilidade de um dia alguém se dispor a analisar cuidadosamente seus escritos?...

O pior, porém, nos disparates injuriosos de Quevedo, são as suas assacadiilhas contra os mais respeitáveis cientistas que documentaram os fenômenos mediúnicos hoje clássicos. Referindo-se a Oliver Lodge ele escreve na página 296:

"Único resultado da decadência a que o Espiritismo levou tão grande sábio. "O triste exemplo de Lodge desencorajou muitos físicos que gostariam de se interessar com seriedade (...)pela Parapsicologia."

Perguntamos: a que decadência o Espiritismo levou Lodge? Como vimos fartamente em escrito anterior, este notável físico, que agora tem o nome inscrito nas enciclopédias de maior prestígio nos meios culturais, terminou a vida aureolado de glória na Inglaterra, sua pátria, onde, repetimos, foi Sir e recebeu as mais honrosas homenagens quando, já velho, aposentou-se como Reitor da Universidade de Birmingham.

Há ainda um detalhe que certamente Quevedo desconhece: em 1930 o periódico *Spectator* promoveu uma pesquisa entre os leitores e Oliver Lodge foi considerado nela como um dos melhores cérebros da Grã-Bretanha, ao lado de Shaw, Birkenhead e Churchill.

Eis para onde o Espiritismo o levou. Decadência é o melancólico fim de um teólogo que, levado pela Parapsicologia, acaba como ator de televisão...

[\(voltar\)](#)

Pagar ou Pegar o Pato no Lago do Padre Quevedo

No caso da análise que ora efetuamos, constrangidamente, sobre a obra do sacerdote espanhol Oscar Gonzalez-Quevedo, o mais contundente, mais astuto e mais constante adversário do Espiritismo nesta nação (quarenta anos de "bons serviços" prestados à ideologia

católica medieval, hoje superada), de uma coisa temos certeza: não estamos, como diz o povo, *pagando o pato*, e sim *pegando o dito cujo*...

Quem está pagando o pato, pelo que até agora fez em quinze livros de ataque aos fenômenos mediúnicos autênticos e à doutrina que os explica de maneira correta, é o nosso ferrenho inimigo.

No que se refere a essa ave rara, nós simplesmente estamos depenando-a, porque isto se impõe a bem da verdade. Alias, não queremos colocá-lo na panela do ódio, temperando-a com sal venenoso para servir uma canja quente aos irmãos seguidores do catolicismo, à semelhança daquilo que foi feito conosco. Pretendemos tão só desnudar suas artimanhas, em legítima defesa.

Como o Espiritismo possui um tríptico aspecto, apresentando-se perante a cultura dos novos tempos na condição de ciência, filosofia e religião, o padre Quevedo precisa ser polivalente para enfrentá-lo. Assim, aventura-se em três campos fundamentais do conhecimento, o metafísico, o para-psicológico e o social. Até aqui demos atenção aos seus insultos nos dois primeiros campos, agora o faremos nos movimentando no terceiro. Antes, porém, uma observação: alguém já disse que o único animal polivalente é o *pato*, pois anda, nada e voa. Realmente. Acontece que, anda mal, capengando, nada mal, vagarosamente, e voa mal, rasteiro; talvez por isso J. Pascale, com sua cultura e sua verve, classifique o padre Quevedo como patético...

O padre Quevedo, depois de investir contra nós com passos claudicantes no terreno religioso, menosprezando figuras veneradas na sua Igreja, e depois de contra nós bracejar debatendo-se qual tartaruga na maré científica de ondas para-psicológicas, tenta, em desespero, no espaço filosófico, subir às alturas da política para desempenhar o seu papel. Às páginas 86/87 do Volume 4 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, escreve:

"Hoje. quando a Divina Providência nos países do Terceiro Mundo conduz os católicos e os cristãos em geral à reta aplicação da justiça e caridade cristãs pela chamada "Teologia da Libertação", os espíritas continuam rodopiando ao redor dos antiquados recalques de seus fundadores. Alienados à realidade. Tudo isso é prova ineludível(A palavra ineludível, escrita com e e não com *i* depois do *n* fica por conta da competência ortográfica do Pe. Quevedo ou do seu revisor.) de que o Espiritismo não pode de maneira nenhuma, em contraposição à Revelação e Providência Divinas, pretender que haja revelação e providência espíritas."

Ora, convenhamos que esta acusação atinge as raias do ridículo, tanto em termos teóricos quanto práticos.

Na obra básica da nossa doutrina, O LIVRO DOS ESPÍRITOS, de Allan Kardec, os ensinamentos, compreendidos de modo correto, jamais poderiam tornar os seres humanos "*alienados à realidade*", porque todos eles, os ensinamentos, exaltam a *lei de justiça, de amor e de caridade* de uma forma generosa e inteligente, propondo uma fé *racional*. Senão vejamos:

Na mencionada obra consta, com uma clareza solar, que a desigualdade das condições sociais é obra do homem e não de Deus (questão 86). Leiamos a pergunta e resposta da questão 807:

"Que se deve pensar dos que abusam da superioridade de suas posições sociais, para, em proveito próprio, oprimir os fracos?"

"Merecem anátema! Ai deles! Serão, a seu turno, oprimidos: renascerão numa existência em que terão de sofrer tudo o que tiverem feito sofrer aos outros.

Vejamos a frase inicial do comentário que o codificador faz à resposta dada à pergunta 886:

"O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito."

Ainda mais, tenhamos em vista a seguinte parte da questão 888:

"Que se deve pensar da esmola? "Condenando-se a pedir esmola, o homem se degrada física e moralmente: embrutece-se. Uma sociedade que se baseie na lei de Deus e na justiça deve prover à vida do fraco, sem que haja para ele humilhação. Deve assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida à merca do acaso e da boa-vontade de alguns."

Finalmente, para não irmos muito longe, consideremos o teor das perguntas e respostas das questões 640 e 642, abaixo reproduzidas:

"640. Aquele que não pratica o mal, mas se aproveita do mal praticado por outrem, é tão culpado quanto este?"

"É como se houvera praticado. Aproveitar do mal é participar dele. Talvez não fosse capaz de praticá-lo; mas, desde que, achando-o feito, dele tira partido, é que o aprova; é que o teria praticado, se pudera, ou se ousara."

"642. Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?"

"Não; cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo o mal que haja resultado de não haver praticado o bem."

Eis aí. Em que a *Teologia da Libertação* é superior à *Filosofia Espírita*?

Se existe entre as duas doutrinas, no que tange à solução para o problema da desigualdade social, alguma diferença, esta reside no fato de que a nossa não aceita as deduções e as sugestões do materialismo dialético fomentador da luta de classes. A experiência histórica prova, principalmente depois do fracasso do regime comunista na União Soviética, em dias recentes, que o Espiritismo sempre esteve mais certo do que o Marxismo.

Saindo da retórica para a práxis, temos o testemunho do conhecido sociólogo brasileiro Betinho, ex-militante da esquerda revolucionária há pouco falecido, o qual, após seu desencanto com os métodos violentos para a transformação da sociedade, resolveu sair do discurso para a ação. Declarou ele aos jornais que, quando chegou junto aos pobres para socorrê-los, ficou surpreso verificando que em tal meritória tarefa já se encontravam, há longo tempo, os espíritas kardecistas.

Não necessitamos referir o elevado número de escolas, creches, asilos, hospitais etc. que os seguidores da Doutrina codificada por Allan Kardec criaram e conservam em funcionamento neste país, amparando pessoas pobres de graça e sem catequizá-las para que abandonem suas religiões de berço nas quais se sentem confortadas e satisfeitas, realizando assim uma obra assistencial de puro amor fraterno, isso tudo com os seus "*antiquados recalques*", segundo o parapsicólogo e agora sociólogo Oscar Gonzalez-Quevedo. Se ele nunca pôde se dar conta de tal empreendimento humanitário, tem andado tão confuso que não perderia nada tomando uns passes...

[\(voltar\)](#)

O Último Tiro do Tratado de Quevedo

No derradeiro Volume, número 5, de OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, *Tratado* que *trata* do Espiritismo *destratando-o*, o sacerdote Quevedo, conforme esperávamos, pretende dar um tiro de misericórdia em nossa crença. Até aí, tudo bem, essa atitude era previsível, quem começa uma *guerra santa* contra qualquer ideologia que lhe seja prejudicial aos interesses fideísticos tem mesmo de terminá-la de maneira impiedosa. O que surpreende

no último tiro quevediano é o fato de ser ele de cartucheira: espalha fragmentos de chumbo grosso para tudo o que é lado, como se fora dado por um caçador de marrecas. Se não vejamos, transcrevendo alguns tópicos do citado volume:

Páginas 29/30:

"Deixo para o n. 41 de Lições e Respostas do CLAP expor comprovada participação da Maçonaria (o próprio Kardec era maçom) e de outras sociedades secretas nas origens do Espiritismo, assim como também do plano Rockefeller para a difusão do Espiritismo."

Esta afirmação delirante dispensa comentário porque provoca risos. Imagine o leitor se o Governo do país politicamente mais poderoso do mundo iria se preocupar com a estratégia de um *plano* para a difusão do Espiritismo...

Página 89:

"Um mestre espírita brasileiro, o psiquiatra Adolfo Bezerra de Menezes, proclama eufórico..."

Esta citação de Bezerra de Menezes na qualidade de *mestre espírita* é feita com velada ironia e sua classificação médica como *psiquiatra* é levianamente descuidosa, à semelhança de tantas outras formuladas por Quevedo. Bezerra nunca teve tal especialização, apesar de ser autor de um livro sobre o Espiritismo e a loucura. Ele graduou-se com a tese DIAGNÓSTICO DO CANCRO, depois concorreu a uma vaga de Lente da *Secção de Cirurgia* da Faculdade de Medicina, foi assistente do Cirurgião-Mor do Exército e finalmente, quando deixou a política, na qual exerceu o cargo de Presidente da Câmara Municipal da Corte e o mandato de Deputado Geral do Rio de Janeiro, dedicou-se à clínica em geral, tendo em vista socorrer principalmente os pobres.

Páginas 89 e 90:

1ª) *"Saul recorreu à profetisa de Endor para falar à alma de Samuel e, diz a Bíblia, a alma acudiu ao chamado..."*

2ª) *"Provavelmente entre os Santos Padres, só Orígenes e Santo Ambrósio defenderam que foram verdadeiras a aparição e a comunicação de Samuel. Provavelmente todos os 55. Padres e posteriormente todos os teólogos até o século XVII, caíram no erro."*

Aqui o festejado ex-"Caçador de Enigmas" da TV Globo, queimando sua faiscante espoleta, acerta o tiro não em fenômenos mediúnicos, nem em pesquisadores espíritas, e sim em Santos Padres da sua Igreja. Como entre eles estão os Papas que, por força de um dogma, são infalíveis em assuntos de fé, e já que provavelmente "caíram em erro", pelo menos por mais de mil anos, *"ate o século XVI]"*, entregamos a solução do problema a quem de direito, lembrando que o volume do padre Quevedo tem o *Nihil obstat* do Pe. Jesus Hortal SJ, o *Imprimi potest* do Pe. Francisco Rinaldo Romanelli SJ, Provincial, e o *Imprimatum* do Bispo Auxiliar de São Paulo - Região Ipiranga...

Páginas 60 e 103:

1ª) *"Não deixa de ser curioso que o Dr. Hemandra N Bernajee, professor indiano do Instituto de Parapsicologia da Universidade de Veranese, apesar de*

peessoa/mente imbuído por muitas ideias supersticiosas e com grande confusão e erros a respeito da religião, quando passou pelo Brasil deu um testemunho esclarecedor a respeito da hipótese espírita: "Na Índia não deparamos com nenhum caso de mediunidade. Encontramos muitas pessoas dotadas da faculdade Psi".

2ª) "Recentemente Amendra Banerjee, vindo da Índia, foi conduzido por todo o Brasil pelos mestres do Espiritismo. Trata-se de um charlatão, assim reconhecido internacionalmente."

Estes dois mortíferos fragmentos metálicos que o padre Quevedo projetou do seu fuzil contra nós, juntos, atingem-no no próprio umbigo.

A contradição é indiscutível e a parcialidade evidente. Quando Banerjee põe em dúvida a mediunidade Quevedo o apresenta como um homem ilustre,

"professor indiano do Instituto de Parapsicologia da Universidade de Veranese", quando é "conduzido por todo o Brasil pelos mestres do Espiritismo", então a coisa muda, torna-se "um charlatão, assim reconhecido internacionalmente"..

Página 158:

"O leitor já está saturado de saber com quanta facilidade os mestres do Espiritismo mentem, inventam..."

É isso aí. Depois desses exemplos nós é que agimos com desonestidade!...

Prosseguindo com a mesma técnica de espalhar a munição do seu cartucho para todos os lados, o nosso caçador *esquizoflâmico* busca alvejar os mais representativos nomes da ciência espírita. Cita matreira e depreciativamente Geley à página 62, Aksakof à pág. 187, Delanne à pág. 188, Bozzano à pág. 189, Lodge à pág. 196, Crookes à pág. 200, Lombroso à pág. 211, Wallace à pág. 212, De Rochas à pág. 214, e por aí vai, na tentativa vã de varrer estrelas em céu limpo...

Valendo-se dessa técnica Quevedo procura nos atrair para um esforço intelectual dispersivo, tedioso e inútil, pois sabe que se fôssemos perder tempo com todos os caroços de chumbo do seu tiro de cartucheira acabaríamos cansando os leitores com infindáveis escritos. Mas se ilude, uma vez que o conhecemos o bastante para não satisfazê-lo, e também temos a nossa tática, a de só atirar na direção certa, com poucas porém potentíssimas balas. No caso da refrega em torno do derradeiro volume do seu Tratado, precisamos unicamente, para deixá-lo em maus lençóis, anular uma referência injuriosa contra Camille Flammarion. Estando esgotado a esta altura o espaço do presente escrito, apenas no próximo poderemos puxar o gatilho. Enquanto não o fazemos, resta-nos repetir o que já afirmamos em um texto anterior:

— Quevedo não perde por esperar!...

[\(voltar\)](#)

As Luvas do Lutador Quevedo

Conforme anunciamos no escrito precedente, neste vamos nos deter na apreciação do que o padre Quevedo diz a respeito de Camille Flammarion, porque o assunto é grave e de suma importância para a defesa do Espiritismo, em face do coquetel de afirmações aleivosas com o qual o jesuíta espanhol, no seu Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, tenta

embriagar os leitores.

Camille Flammarion não foi somente um cientista renomado que efetuou importantíssimos estudos cosmológicos atuando no *Bureau des Longitudes do Observatório de Paris* e se dedicando popularização da Astronomia, pelo que recebeu em 1880 o *Prêmio Montyon*, depois de escrever um grande número de memórias para a Academia de Ciências da França. O dicionário-enciclopédia LELLO UNIVERSAL registra como de sua autoria

"imensos trabalhos acerca da rotação dos corpos celeste, estrelas duplas e múltiplas, constituição física do planeta Marte e da Lua, as manchas do Sol, as variações da obliquidade da eclíptica, etc.

Não foi só isso Camille Flammarion foi também um militante da nossa causa a vida toda, desde a juventude, foi amigo pessoal de Allan Kardec, foi médium e foi um escritor que produziu diversos livros documentando os fenômenos mediúnicos, três deles clássicos na história do psiquismo: AS CASAS MALASSOMBRADAS, A MORTE E SEUS MISTÉRIOS e O

DESCONHECIDO E OS PROBLEMAS PSÍQUICOS.

Pois é deste homem que o padre Quevedo busca retirar a condição de espírita. Eis como o faz no Volume 5 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, revestindo-se de uma insana desfaçatez, às páginas 204/205:

"Camille Flammarion (1842-1925), famoso pesquisador, descobridor e divulgador de Astronomia, goza de grande prestígio entre os espíritas por haver sido médium, amigo pessoal colaborador e sucessor de Allan Kardec. Iniciou-se no Espiritismo com 19 anos. Estudou conscienciosamente numerosos médiuns, entre eles Eusápia Palladino.

"Flammarion acreditava na sobrevivência e na imortalidade.

"O que é muito diferente da comunicação.

"Procurava, esperava, desejava a prova da sobrevivência pela comunicação.

"Mas apesar de todo o seu convívio com Allan Kardec na Sociedade de Pesquisas Psíquicas que Kardec fundara e presidia, Flammarion terminou por convencer-se de que os fenômenos espiritóides de nenhum modo provavam a comunicação dos espíritos dos mortos.

"Os espíritas, porém, levaram-no à Presidência da Sociedade. Como Presidente, Flammarion, em 1923, dois anos antes de morrer com 83 anos, haveria resumido seus sessenta anos de estudo com estas palavras: "No homem há faculdades desconhecidas que pertencem ao espírito (dos vivos; essas mesmas faculdades, porém) excepcionalmente e em contadas ocasiões são exteriorizadas (também) pelos mortos. E não se pode duvidar de que ocorrem tais manifestações e de que existe telepatia entre os mortos e os vivos, como há telepatia entre os vivos.

"Não tenho argumento para duvidar de que Flammarion disse essas palavras. Mas só perante os espíritas! Agradecimento e cortesia por haver sido nomeado Presidente da Sociedade? Deixou-se influenciar pelo ambiente da Sociedade e pelos espíritas sem poder reagir. aos seus 81 anos de idade?"

Veja aqui o leitor com que irresponsabilidade o "parapsicólogo" Quevedo, levemente, atribui conduta indigna a homens honrados, quando não possui argumentos contra os fatos.

Quevedo é assim: quando não pode afirmar, insinua. Mas quando tem como enganar de forma mais direta, não deixa por menos. No volume 3 do mesmo Tratado, à página 283, diz

que Camille Flammarion '*fora esotérico*'. E no volume 4 o identifica como "*exespírita*"! Para cometer tão abominável crime contra a verdade alega seguir uma tradução de *Les Forces Naturelles Inconnues*, de Flammarion, supostamente feita em um ano que não cita por alguém que não identifica completamente, assim como a editora responsável pela publicação.

Por falar nisso, como o padre Quevedo lida com traduções?

Ele próprio confessa no Prólogo de outro Tratado, *AS FORÇAS FÍSICAS DA MENTE* (1ª página s/nº do Tomo 1, Editora Loyola, São Paulo, 10ª edição, 1998). Confessa sem o menor pudor, nestes termos aéticos:

"Servindo-nos de livros que têm tradução portuguesa, introduzimos, às vezes, algumas pequenas modificações para acompanhar melhor o original, ou para corrigir traduções menos claras. Quando nós mesmos traduzimos para o português seguindo uma tradução estrangeira mais conhecida, francês por exemplo, vez por outra nos desviamos um pouco da tradução que usamos, se assim aconselha o original inglês, italiano, alemão..."

Eis aí.

É esta espécie de lutador que ora enfrentamos, no ringue por ele escolhido. Para pô-lo à nocaute não necessitamos nem sequer revidar os seus socos traiçoeiros, basta termos paciência para desatar os fios podres que lhe amarram as luvas.

[\(voltar\)](#)

Um Pecado de Quevedo

Poderíamos continuar lançando o nosso balde transparente no poço sem fundo de tolices que o padre Quevedo armazena no Tratado *OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?*, todas elas arquitetadas contra os fenômenos mediúnicos e os conceitos filosóficos da obra de Allan Kardec. Mas como resolvemos só dedicar dois ou três escritos a cada volume do mesmo, e este já é o terceiro sobre o volume 5, vamos aqui jogar uma pá de cal no referido Tratado a fim de pôr em pauta um outro, mencionado no texto anterior, *AS FORÇAS FÍSICAS DA MENTE*.

No arrazoado precedente vimos com que esmero, ou melhor, com que irresponsabilidade, o saltitante jesuíta espanhol procura retirar a condição de espírita de homens internacionalmente famosos, cuja vida foi consagrada à defesa e propagação dos nossos ideais.

Agora vejamos como Quevedo se comporta nessa infeliz tarefa ao se descolar do plano internacional para o nacional.

Encerrando os seus comentários difamatórios a respeito dos cientistas de outras nações, à página 218 do Volume *MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?*, abre ele um título novo, *NO BRASIL*, porém não escreve mais do que três páginas antes de colocar fim no Capítulo, todas explorando o caso do dr. Urbano Pereira. Começa assim:

"Não encontro entre os espíritas brasileiros outro que ao mesmo tempo una em maior grau os três qualificativos: cientista, pesquisador da hipótese espírita, e escritor espírita."

E termina assim:

"O Dr. Urbano Pereira continuou pesquisando. Após. Ao todo, trinta anos de pesquisa, conclui: "Encontramos elementos suficientes para compreender que a

Igreja Católica não é apenas um caminho, mas o Caminho por excelência. Há pouco mais de três anos enveredamos conscientemente por ela."

Quevedo dá como fonte dessas afirmativas um "*Depoimento entregue pessoalmente pelo Dr. Urbano Pereira e publicado por KLOPPENBURG O.F.M., Boaventura: O Espiritismo no Brasil Orientação para os católicos, Petrópolis (RJ), Vozes, 1960, pp. 413- 421*".

Tenhamos como válido tal depoimento, não só naquilo que tange à sua autenticidade, fora de dúvida. Tenhamos como válido também naquilo que se relaciona à sua sinceridade.

Muito bem!

Palmas para o hábil historiador do Espiritismo em terras brasileiras.

Acontece que, por superlativa falta de sorte do mesmo, possuímos em nossa biblioteca particular, humilde, pequena, incapaz de equivaler-se à sua de dez mil volumes, consoante alardeia, uma obra de Urbano Pereira, publicada pela EDICEL em São Paulo, no ano de 1974 (dezembro), com o título de OPERAÇÕES ESPIRITUAIS. Logo no primeiro parágrafo, à página 7, a Apresentação de tal obra diz:

"Este livro foi editado pela primeira vez em 1 946 sob o título de TRABALHOS POST-MORTEM DO PADRE ZABEU, não tendo sido reeditado."

No terceiro parágrafo, lê-se:"

"Quanto ao seu autor, que não era espírita mas pesquisador e estudioso..."

Como se vê, o dr. Urbano Pereira nunca foi espírita e muito menos "*escritor espírita*", conforme garante Quevedo. Foi, sim, como realça o parágrafo em tela, uma "*Inteligência voltada para a ciência pura*" que em determinado momento se interessou pela pesquisa de fenômenos mediúnicos, buscando para isso uma sessão em que se manifestava um Espírito de padre, chamado Zabeu. Tanto assim que todos os outros quatro livros por ele assinados não são espíritas; um é apenas espiritualista, NÓS E O UNIVERSO (Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1942), e os outros três o próprio nome indica: COMPÊNDIOS DE FÍSICA (3 Volumes, Livraria Acadêmica, São Paulo, 1942), PROBLEMAS E TRABALHOS PRÁTICOS DE FÍSICA (mesma editora e mesmo ano), e CURSO DE FÍSICA (idem editora, 1945).

O dr. Urbano Pereira inicia a sua obra aludida com esta frase:

"Este livro foi escrito a pedido de um fantasma."

Por aí já se nota que, apesar de sua destacada competência no campo da Física, ele não era nem lá tão cientista na esfera da paranormalidade. Que jamais foi espírita, a sim um católico em trânsito accidental por nossas fileiras, prova o detalhe de ter terminado com uma citação da Bíblia a sua única obra sobre fenômenos mediúnicos, TRABALHOS POST-MORTEM DO PADRE ZABEU (ou OPERAÇÕES ESPIRITUAIS).

Enfim, não será com argumentos desse quilate que o sacerdote Quevedo conseguirá atingir negativamente o Espiritismo. Por um princípio de caridade cristã, tendo em conta seu compromisso religioso, não devia nem utilizá-los. O ser humano, ainda que dotado de satisfatória e até fulgurante cultura científica, tem as suas fraquezas conscienciais, mormente quando já velho e debilitado por doenças aproxima-se da morte. Quevedo sabe disso, como talvez saiba que o distinto dr. Urbano Pereira sempre foi católico e não espírita: usou-o para concretizar o seu propósito porque lhe foi impossível encontrar outro mais identificado com a

nossa crença, cometeu, embora seja um *teólogo*, aquilo que a Igreja Romana denomina pecado.

Quanto a nós, podemos garantir que semelhante ação jamais praticaremos se ele, a esta altura de sua vida, converter-se sensatamente ao Espiritismo, coisa na qual, é lógico, não acreditamos, porque para tudo há limite, até para um milagre...

[\(voltar\)](#)

Nossa Prece Fúnebre pelo Padre Quevedo

Passemos à análise lógica do Tratado AS FORÇAS FÍSICAS DA MENTE, do nosso tradicional inimigo Quevedo, que tendo só dois Tornos nos dará menos dor de cabeça ou divertimento.

Como o título sugere, nele o jesuíta-parapsicólogo apontará suas armas que disparam fogos de artifício sobre os fenômenos mediúnicos ectoplásmicos, especialmente aqueles que culminam na materialização de Espíritos. O tiroteio, corno não poderia deixar de ser, termina assim na página 293 do Tomo 1:

"O que neste capítulo dissemos sobre a ideoplastia achamos que é suficiente aqui. Em outro livro deveremos demonstrar expressamente com abundância de argumentos, que os fenômenos para-psicológicos não são nem podem ser do 'Além'" (a não ser raramente, por força divina unicamente)."

Ficamos cientes, então, da possibilidade dos "*fenômenos para-psicológicos*" serem do "além", só que quando isto acontece é por "*força divina unicamente*", ou seja, são milagres!...

Quevedo, para chegar a tanto, tenta nos enrolar com ataduras supostamente científicas. Apropriando-se das ideias de alguns pesquisadores materialistas ensaia a sua tese que, em breve mas fiel resumo para a compreensão dos leitores, é a seguinte:

Ordinariamente, todos os fenômenos que Allan Kardec classifica como de *efeitos físicos*, distinguindo-os de outros de *efeitos inteligentes*: ruidos ("raps"), transporte de objetos, aparições etc., resultam de uma energia movimentada pela mente do próprio ser humano sem intervenção de ninguém morto.

Tudo é fraude ou produto do inconsciente. Aliás,

"não há dúvida de que o inconsciente é capaz de fraudes superiores, muito superiores, às fraudes realizadas pelo consciente" (página 142).

Já que no caso de certas materializações de Espírito as coisas se complicam em excesso para serem explicadas por esta tese simplista, o padre Quevedo foge pela tangente, admitindo:

"O inconsciente, porém, encontra muita dificuldade em manifestar sua inteligência por meio de fenômenos de efeitos físicos, que são os mais difíceis, mas incontáveis..." (página 217).

A materialização de Espírito, por conseguinte, quando não ocorre em ambiente privado da Santa Igreja Católica Apostólica e Romana,

"por força divina unicamente", é uma fantasmogênese, definida por Quevedo como "um simulacro de pessoa, animal ou coisa, inteiros" (página 256).

A propósito de definições que nada definem Quevedo é um artista verbal engenhoso, pois criou até um neologismo para conceituar o fenômeno: *"Ecto-colo-plasmia"* (página 256). E quando o seu palavreado confuso e difuso não serve para esclarecer os fatos ele os atribui *"a uma simples combinação do acaso com a imaginação"* (página 282).

Deu para você, leitor, entender?

Se não deu, paciência, procuramos ser o mais didático possível, evitando cair na malha fina quevediana, engendrada justamente para confundir as pessoas.

Quevedo, já ressaltamos, é um artista verbal que sabe manejar o sofisma aparentando cultura. No Tomo 1 do seu Tratado ora sob exame ele aproveita o conteúdo das obras clássicas da Metapsíquica e deita sapiência teórica mencionando a *"força ectênica"* de Thury a *"força ódica"* de Reichenbach, a *"telergia"* de Myers etc., tudo para assegurar que *"Os fenômenos chamados espíritas não são mais do que manifestações inconscientes de ação magnetodinâmica do fluido nervoso"* (página 48). Anteriormente, para insinuar a mesma coisa com igual astúcia, manipulou em seu Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO? o conteúdo das obras modernas da Parapsicologia, empregando, de permeio com siglas, expressões nebulosas para os não iniciados na ciência do paranormal, tais como:

Hiperestesia Indireta do Pensamento, HIP, inconsciente psigâmico, aspecto "newspaper-test" precognitivo, prosopopéia, Peg, PC, ST faculdades PN, "Em L", superesp, ST mútua, telebulia, criptomnésia, pantomnésia, PC (simulcognitiva), criptestesia, fotogênese, osmogênese etc. (vide, respectivamente, volume 3 página 12, vol. 2 pág. 283, vol. 2 pág. 291, vol. 3 pág. 140, vol. 3 pág. 73, vol. 3 pág. 224, vol.3 pág. 225, vol. 3 pág. 269, vol. 4 pág. 121, vol. 4 pág. 198 e vol. 4 pág. 207).

Com tamanha erudição emprestada de cérebros alheios o padre Quevedo sugestiona os neófitos na ciência da Paranormalidade, não os veteranos estudiosos da matéria. Estes se impressionam somente com as suas contradições e com a falsidade dos seus juízos de valor. Vamos encerrar o presente escrito com um exemplo dos falsos juízos de valor. Pela assertiva da página 142, transcrita linhas atrás, ele propõe que tudo seja fraude, consciente ou inconsciente, nas sessões espíritas de caráter científico, feitas no passado por homens do mais alto saber, mas se descuida na página 75 e escreve:

"Notemos que Home nunca foi pego em fraude, e que as condições de controle, nas sessões que realizava, foram frequentemente satisfatórias, como veremos."

Ora, se Home (Daniel Dunglas Home), que foi o *"maior médium de todos os tempos"* (quem o diz não somos nós, é o padre Quevedo, na página 40 do outro Tratado, OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?), *"nunca foi pego em fraude"*, que mínima credibilidade merece a tese quevediana?

Qualquer aluno de ginásio não desconhece que toda teoria sem o apoio dos fatos é mero devaneio. E não ignora isto: um só fato é suficiente para pôr no descrédito uma teoria que pretende generalizar!

O padre Quevedo, assim, intelectualmente enterra-se por si mesmo, cabendo a nós apenas fazer uma prece de perdão, ou de agradecimento, ao pé da sua tumba...

[\(voltar\)](#)

A Cruz de Quevedo e a Nossa Espada

Vamos aqui, conforme o prometido no último texto, dar um bom exemplo dos falsos juízos de valor do padre Quevedo.

No Tomo 1 do Tratado AS FORÇAS FÍSICAS DA MENTE ele volta atacar a memória que temos das irmãs Fox, na sua opinião *“fundadoras do Espiritismo”* (volume 3 do Tratado OS MORTOS INTERFEREM NO MUNDO?, página 109, edição já identificada anteriormente). Desta feita não mais arremete dardos venenosos contra a infância das famosas médiuns, na qual ocorreram seus melhores fenômenos supranormais, e sim contra a vida adulta que tiveram, marcada por acidentes sociais.

A intenção de Quevedo é espalhar uma maldosa notícia do pretérito, desabonadora do caráter das irmãs Fox, a fim de demonstrar que

“O moderno espiritismo nasceu precisamente com um caso de tiptologia fraudulento...” (página 88).

Como não pode provar isto, explora a informação de que as meninas Fox, depois de crescerem e darem espetáculos públicos durante quatro décadas, exibindo fenômenos mediúnicos, acabaram confessando seus truques.

Existem duas versões para esta triste história: a do padre Quevedo, que copia a dos nossos detratores do passado, e a de Arthur Conan Doyle, que não presenciou, contudo esteve mais próximo dos acontecimentos, e os pesquisou exaustivamente em termos documentais, obtendo inclusive um fac-símile da edição original, feita em Canandaigua, New York, do folheto *“Relatório dos Ruídos Misteriosos, ouvidos na Casa de Mr. John D. Fox”*.

Para Quevedo *“Em 1888, porém, as irmãs Fox, então ambas já viúvas, cansadas e cheias ele remorsos, fizeram plenas retratações públicas...”* (página 90).

Conan Doyle, no capítulo V de HISTÓRIA DO ESPIRITISMO (Editora Pensamento, São Paulo, 1ª edição sem indicação de ano, páginas 93 a 116), explica como as coisas com elas se passaram, começando por um relevante detalhe:

“Em 1871, depois de mais de vinte anos de trabalho exaustivo, ainda as encontramos recebendo entusiástico apoio e admiração de muitos homens e senhoras importantes da época. Só depois de quarenta anos de trabalhos públicos é que se manifestam as condições adversas em suas vidas” (páginas 97/98).

As condições adversas incluíam uso de bebidas alcoólicas por Kate e Margareth e um desentendimento com a irmã mais velha, Leah. Observa Conan Doyle à página 105 da obra citada:

“É provável que Leah tivesse sabido que havia então uma tendência para o alcoolismo e tivesse feito uma intervenção com mais força do que tato... Alguns espíritos interferiram e deixaram as duas irmãs meio furiosas, pois tinha sido sugerido que os dois filhos de Kate fossem separados dela”

Foi em tal clima de desavença familiar que Margareth, *“instruída por alguns dos principais Espíritos da Igreja de Roma, e convencida — como também ocorreu com Home durante algum tempo — de que suas próprias forças eram maléficas”* (página 105), escreveu ao *New York Herald* retratando-se (ela, na ocasião, estava em Londres; lá o Prof. Butlerof, da Universidade de São Petersburgo, investigou os seus poderes e atestou a realidade dos

fenômenos em declaração publicada no *The Spiritualist*, de 4 de fevereiro de 1876). Acrescenta Conan Doyle ainda na mesma página:

“Chegando a New York onde, conforme sua subsequente informação, deveria receber certa quantia pela sensacional declaração prometida ao jornal, teve uma verdadeira explosão de ódio contra sua irmã mais velha”.

Aí está como os inimigos da nossa crença lograram a “retratação” das duas primeiras médiuns da história dos modernos fenômenos espíritas.

Não esqueçamos de que na época a Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec na França, ainda era praticamente desconhecida nos Estados Unidos e na Inglaterra, e não olvidemos que, por trás do deplorável incidente, não só rolou dinheiro de jornal, como também atuou a influência da Igreja Católica com seus tradicionais métodos de persuasão...

Para sermos completamente justos tenhamos em conta que a nossa companheira de antanho arrependeu-se sinceramente da sua fraqueza moral e, após a retratação cantada em prosa e verso pelos adversários do Espiritismo, deu uma entrevista buscando reparar o erro cometido. Vejamos uma parte daquilo que a respeito deste segundo detalhe Conan Doyle documenta às páginas 107/ 108 de sua obra:

“A entrevista foi publicada na imprensa de New York 420 de novembro de 1889, cerca de um ano depois do escândalo.

“Praza a Deus”, — disse ela com voz trêmula de intensa emoção — “que eu possa desfazer a injustiça que fiz à causa do Espiritismo quando, sob intensa influência psicológica de pessoas inimigas dele, fiz declarações que não se baseiam nos/atos. Esta retratação e negação não parte apenas do meu próprio senso daquilo que é direito, como também do silencioso impulso dos Espíritos que usam o meu organismo, a despeito da hostilidade ela horda traidora que prometeu riqueza e felicidade em troca de um ataque ao Espiritismo...”

Eis, pois, as duas versões do caso.

Decida-se o leitor entre a do padre Quevedo e a de Conan Doyle.

O primeiro é doutor em Teologia, o segundo em Medicina. Ambos são polivalentes, embora talvez um dos dois seja policovarde. Tanto um, quanto outro, escreveu numerosos livros, mas só Arthur Conan Doyle obteve a consagração cultural, tornando-se célebre por ter criado um novo gênero literário, a novela policial, com seu personagem brilhante, o detetive Sherlock Holmes; padre Quevedo celebrizou-se apenas por pouquíssimo tempo, na condição de ator, rodeado de fumaça de gelo seco interpretando o papel de “Caçador de Enigmas” no programa *Fantástico* da Rede GLOBO.

A brochura *O QUE É PARAPSICOLOGIA*, de Quevedo, publicada por Edições Loyola, se São Paulo (31ª edição, julho de 1998), apresenta-o na página de abertura como “*Presidente de Honra e Membro de Honra de numerosas Sociedades e Institutos de Parapsicologia em nações e cidades da América-Latina, como México, Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Brasil etc., e da Espanha, Portugal e Estados Unidos*”, entretanto não diz quais as Sociedades e os Institutos, não identifica nenhum deles a fim de que a gente possa verificar se a referência é verídica.

De Conan Doyle pelo menos todos os estudiosos da ciência do paranormal sabem duas coisas: ele foi membro da *Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres* e foi agraciado com um dos títulos mais honrosos em sua pátria, o de *Sir*.

Decida-se portanto inteligentemente o leitor entre as duas versões do caso das irmãs Fox. A escolha, no fundo, é entre a cruz e a espada...

A cruz que amaldiçoa a manifestação dos Espíritos, e a espada que defende a única prova concreta de que a vida do ser humano prossegue além das sombras da morte!

[\(voltar\)](#)

As Fichas de Quevedo no Jogo Antiespírita

Em sua campanha caluniosa contra o Espiritismo, que já dura praticamente quarenta anos, e se encontra documentada em quinze grossos livros, o padre-parapsicólogo Oscar Gonzalez-Quevedo joga com todas as fichas em muitas roletas, apostando a sorte na base do tudo é lucro, mas o que ele ambiciona mesmo como prêmio maior do cassino é desmoralizar a materialização de Espíritos. Foi para tanto que publicou o seu Tratado AS FORÇAS FÍSICAS DA MENTE, cujo segundo e último Tomo vamos agora submeter à análise lógica.

Eis como o aventureiro sacerdote se protege do azar. Na página 341 do Tomo 2 do Tratado em tela, escreve:

"Bozzano e outros teóricos do espiritismo ignoravam que, como a Parapsicologia moderna tem demonstrado amplamente, o inconsciente não só adivinha o pensamento consciente dos assistentes, mas também o pensamento inconsciente e ainda mais: os pensamentos conscientes e inconscientes de pessoas ausentes, assim como a realidade externa."

Quer dizer: adivinha tudo!

Tem o poder de Deus.

Então, quando um Espírito revela algo que ninguém sabia, sabe ou poderia saber, a revelação é produto do inconsciente do médium e dos assistentes do fenômeno.

Simple e até interessante, esta teoria. Há, contudo, um detalhe, na presunçosa afirmação do padre Quevedo: é mentira que a "*moderna Parapsicologia*" tenha "*demonstrado amplamente*" tal teoria. Quando o fez? Que fatos apresentou para isto? Desafiamos Quevedo, e todos os seus mestres anti espíritas, a responderem estas duas perguntas.

Eles nunca demonstraram nada em abono de suas mirabolantes teorias, porque a demonstração somente seria possível através de fatos e eles jamais produziram qualquer fenômeno, apenas se ocupam de falar e escrever sobre as pesquisas alheias. Mas deixemos de lado essa questão por ser *fichinha* e vamos ao que interessa, a materialização de Espíritos.

Como as *provas graníticas* nesse campo — que ninguém pode apagar da história da ciência do paranormal — são as experiências de William Crookes com Florence Cook, por intermédio das quais se materializou o Espírito Katie King, o padre Quevedo busca desqualificar o fenômeno começando com a afirmativa de que "*a aparição de Katie King era demasiado real, para não ser mesmo uma pessoa real, deste mundo*" (página 362).

Tenhamos aqui presente um outro detalhe: Quevedo se ocupa antes, na página 306 do Tomo 2 do Tratado AS FORÇAS FÍSICAS DA MENTE, em distinguir a materialização de Espíritos *da fantasmogênese*; esta não passaria de uma formação ideoplástica produzida pelo pensamento de pessoas vivas em carne e ossos, provando isso o fato de ser sempre de pouca consistência material, "*mais ou menos tênue*", "*mais ou menos transparente*" (mesma página). Ele gasta a maioria das páginas da obra na tentativa inútil de evidenciar que os fenômenos clássicos da ectoplasmia foram apenas *fantasmogêneses*. Ao se defrontar, porém, com o caso de Katie King, abandona correndo sua tese e apela para a insinuação de fraude. É ele capaz de convencer com tal recurso quando o emprega contra uma médium como Florence Cook e sobretudo contra um pesquisador do porte intelectual e moral de William Crookes? Vejamos. Na página 365, escreve:

"O mesmo Crookes, por sua parte se esforça por provar que Katie e Cook são pessoas diferentes, querendo provar a materialização, fenômeno que não existe. O modo de provar que eram pessoas diferentes seria mostrar incontestavelmente que ambas estavam, num mesmo lugar e determinado momento, em lugares diferentes e apalpar a ambas para garantir que nenhuma delas era mera fantasmogênese."

Mais uma mentira propondo que Crookes não forneceu a prova exigida; se não vejamos de novo. Na página, 366, é transcrita a descrição que Crookes faz do fenômeno seguida da opinião de Quevedo. Leiamos:

"Antes de terminar este artigo, desejo fazer conhecer algumas das diferenças que tenho observado entre a Srta. Cook e Katie. A estatura de Katie é variável: em minha casa tenho-a vista seis polegadas maior do que a senhorita Cook. Ontem à noite, tendo os pés nus e não se apoiando sobre as pontas dos dedos, ela tinha quatro polegadas e meia mais do que Srta. Cook. Ontem à noite, Katie tinha o pescoço descoberto: a pele era completamente macia ao tato e à vista, enquanto a Srta. Cook tem no pescoço uma cicatriz que, em semelhantes circunstâncias se vê claramente e é áspera ao tato. As orelhas de Katie não estão furadas, enquanto que a Srta. Cook usa brincos ordinariamente. A cor de Katie é muito branca, enquanto que a Srta. Cook é bem morena. Os dedos de Katie são muito mais longos que os da Srta. Cook, o seu rosto é maior. Nas formas e maneiras de falar há também marcantes diferenças".

"Como se vê, as diferenças são perfeitamente explicáveis pelos acréscimos ectoplasmáticos e modificações para a transfiguração e, no fundo de todas essas diferenças, destacam-se as semelhanças notáveis que os observadores perceberam."

Perguntamos:

Como o fenômeno pode não ter sido a materialização de um Espírito, o de Katie King, e sim a transfiguração da médium, Florence Cook, se a aparição tinha uma estatura "*variável*", às vezes até "*seis polegadas maior do que a senhorita Cook*"??? Em uma transfiguração o corpo muda de aparência mas não estica e encolhe!!! E o pormenor, que aliás vale por *um por maior*, da pele do pescoço do Espírito materializado ser "*macia ao tato*", quando a pele da mesma região da médium continha uma cicatriz "*áspera*"??? E as diferenças nas "*formas e maneiras de falar*", que nada têm a ver com a aparência alterada de presumida transfiguração???

Perguntas desse teor o padre-parapsicólogo Quevedo não responde. E não responde porque só é competente para jogar com suas fichas em pano verde sem fiscal. A partir de agora, se não deixar o cassino, irá à falência.

Pode esperar isso!...

[\(voltar\)](#)

A Grande Jogada de Quevedo

Como vimos no texto anterior, a grande jogada do padre Quevedo contra os fenômenos que justificam nossa crença é ferir de morte a sua base granítica, ou seja, as materializações do Espírito Katie King ocorridas através da mediunidade de Florence Cook nas experiências de William Crookes, cientista universalmente admirado por importantes descobertas na área da Física, uma das glórias do saber humano no século passado. Como no quarto escrito desta

série já fornecemos aos leitores o cintilante perfil biográfico de Crookes, a quem todos devemos o conhecimento do tálio e dos raios catódicos, podemos agora nos deter unicamente no mérito do trabalho que ele desenvolveu com Florence Cook.

A partir das páginas 377/378 do Tomo 2 do Tratado AS FORÇAS F(SICAS DA MENTE o padre Quevedo tenta, com mais desenvoltura, tornar *relativa* a prova *absoluta* que Crookes conseguiu da materialização do Espírito Katie King, transcrevendo-lhe o depoimento do qual convém reproduzirmos o seguinte trecho:

"A 12 de março, durante uma sessão em minha casa, Katie, depois de ter caminhado entre nós e nos ter falado durante algum tempo, retirou-se para trás das cortinas que separavam meu laboratório., da biblioteca a qual, temporariamente, servia de cabina. Um momento depois, ela reapareceu nas cortinas e chamou-me dizendo: 'Entrai e levantai a cabeça de minha médium: ela caiu por terra'. Katie estava então de pé, diante de mim, vestida com seu vestido branco habitual, e coberta com seu turbante".

"Imediatamente eu me dirigi à biblioteca, para levantar a Srta. Cook; Katie deu alguns passos para o lado, para deixar me passar. Com efeito, a Srta. Cook tinha deslizado, em parte, para fora do sofá, e a sua cabeça pendia em uma posição muito penosa. Recoloquei-a sobre o sofá e, ao fazer isso, tive, apesar da escuridão, a viva satisfação de constatar que a Srta. Cook não vestia as mesmas roupas de Katie, mas levava seu vestido habitual de veludo preto e estava num profundo letargo. Não havia passado mais de três segundos entre o momento em que vi Katie vestida de branco diante de mim e o momento em que levantei a Srta. Cook sobre o sofá, tirando-a da posição em que se encontrava."

A esta descrição, o astuto Quevedo logo reage com o seguinte apontamento:

"Ora, Crookes que tocou o que poderia ser a médium Cook, mas não a viu, não deu para reconhecer nenhum dos seus traços, somente pelo tato notou a posição em que estava e a roupa de veludo preto que vestia. Tudo se faz, como se afirma expressamente, na escuridão."

Acontece que nas páginas seguintes, 279/380, Quevedo é obrigado a transcrever a descrição de outro episódio das experiências de Crookes, sem o qual não atingirá o seu objetivo, e nesse outro episódio a escuridão foi eliminada. Leiamos a parte final da descrição:

"Ajoelhei-me, deixei entrar ar na minha lâmpada e, à sua luz, vi essa jovem vestida de veludo preto, como estava no início da sessão e com toda a aparência de completa insensibilidade. Ela não se mexeu quando peguei sua mão e lhe cheguei a lâmpada bem perto do rosto; continuava a respirar impassivelmente'

"Levantando a lâmpada, olhei a meu redor e vi Katie que estava muito perto da Srta. Cook e detrás dela. Estava vestida com um vestido branco e flutuante, como nós já a tínhamos visto durante a sessão. Segurando uma das mãos da Srta. Cook na minha, e estando ainda ajoelhado, eu elevava e abaixava a lâmpada, tanto para iluminar a figura inteira de Katie como para convencer-me plenamente de que eu via bem a verdadeira Katie, a mesma que eu tinha segurado nos meus braços minutos antes e não o fantasma de um cérebro doentio. Ela não falou, mas movimentou a cabeça em sinal de reconhecimento. Por três vezes diferentes examinei cuidadosamente a Srta. Cook agachada diante de mim, para assegurar-me de que a mão que segurava era bem

a de uma mulher viva, e em três momentos diferentes voltei a minha lâmpada para Katie, para observar com firme atenção até que não houvesse mais a menor dúvida que ela estava mesmo diante de mim. No fim, a Srta. Cook fez ligeiro movimento e imediatamente Katie fez sinal para que eu me afastasse. Eu me retirei para a outra parte do quarto e deixei de ver Katie mas não abandonei o quarto até que a Srta. Cook acordou e até que dois dos assistentes penetraram com a luz."

Quevedo a seguir alega em letras maiúsculas que "É INSUFICIENTE" a prova de autenticidade do fenômeno, colocando entre seus argumento este parágrafo da página 382:

"Katie King (Florence Cook) e Crookes, desde o início das experiências, havia já cinco meses, estavam à procura da prova definitiva, Katie King, i. é, Florence Cook em transe e transfigurada, muito provavelmente recorreu irresponsavelmente, no seu estado de inconsciência, à fraude."

Aí está.

Sempre que é imprensado em beco sem saída o nosso oponente, como se costuma dizer em linguagem chula, vulgar, de gíria, *chuta o pau da barraca*, sem se importar que ela desabe em cima da honra alheia.

No caso presente, como a reputação de William Crookes é inatacável, tanto em termos de competência e cultura quanto de caráter, quem quebra a cara é o próprio Quevedo, desejando quebrar a banca do cassino onde efetua a sua grande jogada...

[\(voltar\)](#)

Aguardem os próximos segmentos

Matérias extraídas do livro "Padre Quevedo: De Acusador Anti-Espírita a Culpado", editora DPL ***

PARA ADQUIRIR, CLIQUE NA CAPA